



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL
DESIGN**

AGHATA DOS SANTOS OLIVEIRA DE SOUZA

GRAFFITI: um estudo sobre resistência, subúrbio e pertencimento.

**RIO DE JANEIRO
Dezembro 2023**

Aghata dos Santos Oliveira de Souza

GRAFFITI: um estudo sobre resistência, subúrbio e pertencimento.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharelado em Design.

Orientadora: Professora Barbara Necyk.

RIO DE JANEIRO
2023

DEDICATÓRIA

Dedico essa conquista alcançada primeiramente aos meus pais, por sempre me encorajarem e apoiarem a estudar, para que eu tivesse perspectiva de um futuro próspero e cheio de conhecimento.

Dedico também à minha parceira Nina, que foi pessoa primordial para que eu conseguisse chegar até essa etapa de conclusão de curso, me auxiliando em diversos trabalhos de disciplinas, me dando suporte incondicional na vida com sua alegria e pensamentos positivos, fazendo questão de, sempre que possível, dizer que eu sou capaz de concluir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, professora Barbara Necyk, não somente por todo o ensinamento compartilhado ao longo dessa jornada de conclusão, mas por mostrar que acredita no meu potencial de desenvolver um bom trabalho e por me apoiar nos momentos de aflição ou desespero, sempre com palavras de conforto e ar de tranquilidade ao orientar. Ser orientada por ela foi essencial para eu levar esse processo com mais leveza, mesmo diante de tantos momentos de nervosismo. Sou muito grata por essa troca.

Agradeço ao corpo docente da ESDI, por estarem presentes em momentos dentro e fora de sala de aula, sempre compartilhando conhecimentos únicos que certamente agregaram ao longo desses quatro anos de jornada e também no meu projeto de graduação.

Expresso minha imensa gratidão aos colegas discentes da turma 57 que estiveram presentes durante os dois anos de pandemia, desde o início das aulas, quando apenas nos comunicávamos pelas redes sociais para nos conhecermos, até o momento de lidarmos com uma pandemia mundial e apoiarmos uns aos outros durante o árduo ensino remoto. Agradeço também aos colegas discentes de outras turmas, que me apoiaram em diversas atividades propostas na ESDI, estando presentes me prestigiando, ou ajudando a realizá-los. Um agradecimento especial à Nívea Maria, Marcelo Barbalho, Matheus Barbosa e Brayan Gaspar pelo apoio ao meu projeto de graduação, sem vocês, não teria conseguido fazer tudo sozinha em tão pouco tempo e também à Sara Monteiro por se disponibilizar a fotografar toda a intervenção.

Agradeço também às artistas e designers Yaya Ferreira, Jlo Borges, Amora Moreira e Lorena Peña pelo compartilhamento de informações sobre Graffiti e Pixo, sendo indispensáveis na minha pesquisa e experimentação através das Oficinas disponibilizadas (Yaya e Jlo) e nas entrevistas sobre mulheres na cena do graffiti.

Por fim, agradeço aos funcionários da ESDI, sempre muito atenciosos e prestativos comigo, além da simpatia, que faz toda a diferença em momentos nebulosos do período acadêmico. E agradeço também à ESDI, que se fez parte do meu local de

pertencimento ao longo desses quatro anos, e graças à ela, tive oportunidades e experiências ímpares ao longo desses períodos.

RESUMO

Oliveira, Aghata. **Graffiti: um estudo sobre resistência, subúrbio e pertencimento.** Trabalho de conclusão de curso- Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O Graffiti é uma técnica de Arte Urbana difundida inicialmente nos Estados Unidos, nos subúrbios de Nova York, posteriormente, vindo para o Brasil. A arte do graffiti atualmente é forte influência visual em grandes cidades, sendo possível observar diversas intervenções entre regiões periféricas, suburbanas e áreas centrais. O objetivo deste trabalho é apresentar essa técnica tão popular no Rio de Janeiro, atrelando-a aos conceitos de subúrbio, pertencimento, resistência e afeto, possibilitando, através da Oficina de Graffiti, que os participantes possam se expressar enquanto aprendem a técnica de forma didática neste encontro presencial, na ESDI.

Palavras-chave: Design de Serviços, Arte Urbana, Graffiti, Resistência, Técnica artística, Design de Comunicação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 O estrangeiro.....	16
Figura 2 Vendoo.....	16
Figura 3 Sweep it under the carpet.	17
Figura 4 Sem nome.	18
Figura 5 Autocolante.....	19
Figura 6 PEGLAM.....	20
Figura 7 Camponesa Francesa Charlotte.....	21
Figura 8 Malabarista de Rua.....	22
Figura 9 Escalaria Selarón.....	23
Figura 10 Wall of Respect.....	25
Figura 11 Mural Chicano.....	26
Figura 12 Capa do livro R.I.P MEMORIAL WALL ART sobre o Spraycan Memorials..	26
Figura 13 Linha do Tempo do Graffiti no Brasil.....	28
Figura 14 Primeiro <i>flyer</i> do evento que foi denominado como Meeting of Favela.....	33
Figura 15 Post do <i>fotolog</i> com a foto da Vila Operária com o nome do mutirão.....	33
Figura 16 Graffiti no entorno da ESDI 1.....	36
Figura 17 Graffiti no entorno da ESDI 2.....	37
Figura 18 Graffiti na parede interna da ESDI 1.....	38
Figura 19 Graffiti na parede interna da ESDI 2.....	39
Figura 20 Graffiti no avião do pátio da ESDI.....	40
Figura 21 Caps ou Bicos.....	41

Figura 22 Bomb vermelho. Bomb azul.....	43
Figura 23 Bomb na cidade de São Paulo.....	44
Figura 24 Anatomia do Throw up.....	45
Figura 25 Graffiti Wild Style sobre muro.....	45
Figura 26 Mural do Profeta Gentileza 1.....	48
Figura 27 Mural do Profeta Gentileza 2.....	49
Figura 28 Lambes localizados em uma parede da ESDI.....	55
Figura 29 Eu posando ao lado da arte Pretinha finalizada.....	57
Figura 30 Arte finalizada no interior da creche Vovó Maria Joana.....	59
Figura 31 Graffiti finalizado na parede externa da creche Vovó Maria Joana.....	60
Figura 32 Eu posando ao lado do Graffiti finalizado no muro do metrô.....	61
Figura 33 Graffiti no banheiro não binário do COART em processo.....	62
Figura 34 Paredes do Centro Acadêmico selecionadas pintadas.....	65
Figura 35 Referência enviada pelo aluno Marcelo Barbalho ao grupo do Whatsapp da Oficina de Graffiti.....	67
Figura 36 Referência enviada para mim para complementar a proposta da oficina 1...67	67
Figura 37 Referência enviada para mim para complementar a proposta da oficina 2...68	68
Figura 38 Eu apresentando a oficina com slides.....	69
Figura 39 Marcelo e Nivea rascunhando no papel.....	70
Figura 40 Matheus rascunhando no papel.....	71
Figura 41 Melissa demarcando o esqueleto do seu desenho na parede.....	72
Figura 42 Matheus grafitando a palavra <i>favela</i>	73

Figura 43 Paredes grafitadas e alguns participantes.....	74
Figura 44 Rascunho do graffiti no papel.....	82
Figura 45 Graffiti finalizado no muro.....	83
Figura 46 Estudo de rosto de frente.....	84
Figura 47 Estudo de rosto de lado.....	85
Figura 48 Estudo de rosto $\frac{3}{4}$	86
Figura 49 Graffiti finalizado na parede interna da Creche Vovó Maria Joana.....	88
Figura 50 Rascunho da persona Aqs no papel.....	88
Figura 51 Rascunho do Lettering na parede.....	89
Figura 52 Graffiti finalizado na parede.....	89
Figura 53 Exercício prático. Persona Aqs.....	91
Figura 54 Exercício prático. Lettering em técnica Wild Style.....	92
Figura 55 Formulário de inscrição para a Oficina de Graffiti 1.....	93
Figura 56 Formulário de inscrição para a Oficina de Graffiti 2.....	94
Figura 57 Arte de divulgação da Oficina de Graffiti para o <i>feed</i> do Instagram.....	95
Figura 58 Arte de divulgação da Oficina de Graffiti para o <i>story</i> do Instagram 1.....	96
Figura 59 Arte de divulgação da Oficina de Graffiti para o <i>story</i> do Instagram 2.....	97
Figura 60 Termo de autorização de imagem.....	98

SUMÁRIO

1	Introdução e oportunidade	12
2	Metodologia.....	14
3	O que é Arte Urbana e exemplos	15
4	Graffiti.....	24
4.1	O graffiti na sua gênese: referência estrangeira.....	24
4.2	O graffiti no Brasil.....	27
4.3	O graffiti e a pichação.....	34
4.4	O graffiti na ESDI.....	35
5	Referências estilísticas segundo uma abordagem técnica.....	41
5.1	Técnicas e Métodos de Graffiti: materiais e equipamentos.....	41
5.2	Técnicas e Métodos de Graffiti: processos.....	42
5.3	Técnicas e Métodos de Graffiti: EPI e cuidados.....	42
5.4	Técnicas e Métodos de Graffiti: Lettering Graffiti.....	42
5.5	Personalidades renomadas no cenário.....	46
6	Mulheres no Graffiti.....	50
7	Coleta de referências e experimentações.....	54
7.1	Defesa de mestrado da Giulia Del Peño.....	54
7.2	Workshop- Graffiti é identidade: a arte urbana como forma de resistência, com Yaya Ferreira.....	56
7.3	Curso de Graffiti: Fábrica de graffiti.....	57
7.4	Diário de bordo- Graffiti na escola: Creche Vovó Maria Joana na Serrinha, Madureira.....	58
7.5	Oficina de Graffiti- Coart Uerj, com Jlo Borges.....	60
8	Projeto final.....	63
8.1	Proposta de Projeto.....	63
8.2	Planejamento.....	64
8.3	Evento.....	66
8.4	Pós evento.....	76

9	Considerações finais.....	77
10	Referências bibliográficas.....	79
11	Apêndice.....	82
	APÊNDICE A — Workshop Graffiti é identidade- a arte urbana como forma de resistência, com Yaya Ferreira.....	82
	APÊNDICE B — Curso- Fábrica de Graffiti.....	84
	APÊNDICE C — Diário de Bordo: Graffiti na Escola-Creche Vovó Maria Joana na Serrinha.....	87
	APÊNDICE D — Oficina Estética do Graffiti Coart.....	90
	APÊNDICE E — Formulário de inscrição para Oficina de Graffiti.....	93
	APÊNDICE F — Arte de divulgação e apresentação em slides da Oficina de Graffiti.....	95
	APÊNDICE G — Modelo de Termo de Autorização de Imagem.....	98
12	ANEXO.....	99
	ANEXO A — CINE MOF.....	99

LISTA DE ABREVIÇÕES

CA- Centro Acadêmico

CAPO- Centro Acadêmico Carmen Portinho

EPI- Equipamento de Proteção Individual

ESDI- Escola Superior de Desenho Industrial

MC- Mestre de Cerimônia

MOF- Meeting of Favela

MOS- Meeting of Styles

NOGA- Nation of Graffiti Artists

PEGLAM- Pegatinas e Lambes

UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro

1 INTRODUÇÃO E OPORTUNIDADE

O Graffiti é uma das diversas intervenções urbanas bastante conhecidas em áreas periféricas, assim como em grandes áreas centrais. Visto muitas vezes como arte, outras como vandalismo, outras como identidade, eu pude perceber como o graffiti faz parte de cenários do cotidiano e muitas vezes serve de comunicação com a sociedade. Um exemplo disso é o logotipo e vinhetas de programas mais joviais, como a identidade visual de Malhação, por exemplo, ou o próprio logo da MTV, que muitas vezes eram vistos com uma aparência de graffiti na parede, comunicando uma ideia de jovialidade e contemporaneidade para o canal de TV à cabo.

Eu, residente do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro e cria da periferia da Zona Norte, observo o Graffiti como uma forma de provocar. Esta provocação pode desencadear diversas interpretações pelos que visualizam as artes pelas ruas da cidade, mas em todas elas, eu vejo que a essência do graffiti que é, na minha concepção, retratar a realidade das pessoas, como eu, que são marginalizadas e dar voz a essas pessoas, fazendo com que sejamos vistos através da arte. O graffiti me remete a minha origem, de onde eu venho, e o afeto que cultivo sobre essa carga histórica.

Ao longo da graduação (2020- em curso), tive algumas oportunidades de experienciar formas de comunicação visual, sejam elas impressas, digitais, através de formatos diferentes como vídeos, imagens, cartazes, identidades visuais. Contudo, em sala de aula, pouco foi falado sobre a Arte Urbana e como ela é fundamental para a comunicação e conexão de identidade urbana e muitas vezes periférica, considerando que vivemos em um país diverso, com perspectivas suburbanas muito vistas nos centros das cidades. Parece não se encontrar conexão com os temas abordados nas disciplinas, que retomam bastante a cultura européia. De forma pontual, houve exposições, workshops e intervenções durante esses três anos de convívio com a ESDI, das quais posso citar: Workshop de serigrafia, Workshop de lettering, Oficina de desenho, palestras sobre Afrofuturismo e ancestralidade, palestra sobre o negro ocupar a comunidade acadêmica, incitando a importância de pessoas suburbanas e periféricas no cenário acadêmico e principalmente do Design.

Desenvolvi o Lettering tradicional, o qual descobri há alguns anos atrás como uma válvula de escape para os sintomas da ansiedade, porém, aprofundei os estudos e a prática e tornei esse tema parte do meu trabalho gráfico em Design e Arte, pude perceber que essa técnica também se encontrava dentro do Graffiti, visto que as letras de escritas em locais como paredes, carros, fachadas e até lojas, são desenhadas assim como na técnica tradicional, porém, com uma estética mais urbana e *street*. Observo que o Lettering Graffiti é uma forma muito não-tradicional de comunicar, além de demandar planejamento, o que inclui o conceito de Design, então é o que me motiva a estudar esse conceito e conectar Arte com Design, trazendo a reflexão de pertencimento.

O objetivo do projeto é trabalhar a noção de pertencimento através da técnica e linguagem gráfica da Arte Urbana/ Graffiti. Ao desenvolver uma Oficina com estudantes da ESDI, iremos observar como a noção de pertencimento se manifesta nas paredes através das tintas. O exercício consistirá em se auto-observar, trazendo antes para o papel desenhos e formas de expressar o que cada um compreende como pertencimento. Após o evento, iremos dialogar sobre a percepção de cada participante da oficina, a fim de analisar os resultados da experiência.

2 METODOLOGIA

Esta seção é muito importante para compreender o processo da pesquisa e a resolução do meu projeto final, pois a metodologia foi construída ao longo do desenvolvimento deste trabalho de conclusão.

O tipo de pesquisa que realizei neste trabalho é exploratório e experimental, partindo da ideia inicial de coleta de informações por meios bibliográficos, filmográficos e entrevistas com personalidades da cena do graffiti, e experimental, quando grande parte da pesquisa se deu pela vivência de grafitar, por mim mesma, realizando ao longo do ano diversas experimentações, em oficinas, cursos e eventos de graffiti. Considerei esses métodos apropriados porque a minha pesquisa conecta a sensação de pertencer, de se conectar com suas origens, à expressão feita através do graffiti, e não haveria melhor forma de testar e aprender sobre o cenário da Arte Urbana do que experimentar. Ainda assim, compreendo ser imprescindível estudar sobre a história do graffiti, no mundo, no Brasil e principalmente, sobre personalidades marcantes da Arte Urbana.

O método de coleta de dados foi através de livros, artigos, filmes, pesquisa de campo, observações e experimentos, pois considero formas dinâmicas de chegar a uma pesquisa embasada e com o máximo de complemento possível. Eu tenho muita afeição às práticas manuais e tive oportunidade de experimentar diversas ao longo do tempo. Porém, o graffiti tem sido uma possibilidade de testar algo novo, e levo em mente que a melhor forma de aprender algo ou sobre algo é testando, experimentando. E essa foi a proposta principal do meu projeto, possibilitar a experimentação do graffiti conectado à reflexão de resistência, afeto e pertencimento.

Este projeto foi estruturado nas seguintes etapas: pesquisa exploratória, experimentações pessoais através de workshops, oficinas e eventos de graffiti, estruturação do evento contendo preparação das paredes, compra de materiais e cronograma do encontro; divulgação do evento através das redes sociais e inscrição por meio de formulário online e execução do evento presencial, na ESDI, contendo apresentação em slides, exercícios de rascunho no papel, rascunho em giz na parede e graffiti com sprays.

3 O QUE É ARTE URBANA?

Arte Urbana é um conjunto de técnicas utilizadas por artistas de rua, intervenções que comunicam e modificam o ambiente, de forma temporária. Ela pode possuir cunho político, conter humor, contemporaneidade e hoje é notada de maneira positiva e até incentivada em alguns meios de produção visual. Podem ser vistas em exposições de museus e centros culturais, assim como é mais comum ver contratação de artistas para trazerem através da arte urbana uma identidade mais marcante para uma determinada loja ou marca, seja como meio de expressão e comunicação através de logotipos ou cartazes de festivais, por exemplo.

“Arte Urbana é o estudo de como usar arte, assim como outras humanidades e disciplinas de ciência social para transformar comunidades urbanas, bairros e as vidas das pessoas que vivem lá. Artistas urbanos usam pesquisa, planejamento e processo criativo para afetar as mudanças econômicas e da comunidade através da reconstrução e reestruturação de espaços físicos ao nosso redor.”
COPPIN STATE UNIVERSITY C.A. (2023)

Segue abaixo alguns exemplos de Arte Urbana.

Graffiti: o graffiti é uma intervenção artística originalmente gerada nas ruas, sendo difundida em outros ambientes atualmente. São desenhos estilizados geralmente feitos com sprays nas paredes de edifícios, túneis, ruas. Há muitas técnicas de graffiti e atualmente os trabalhos em 3d chamam a atenção dos críticos. Mesmo sendo proibido em muitos países, o graffiti é uma das mais comuns formas da sociedade protestar contra inúmeras questões. Grandes prédios e muros públicos do Brasil e do mundo são hoje painéis nos quais a população marginalizada passou a ter voz sobre os mais variados assuntos, se comunicando com a sociedade ou apenas entre os próprios grafiteiros. Atualmente, muitos eventos têm em sua linguagem visual o *graffiti*, que traz para dentro dos locais o espírito da rua e uma atmosfera mais descolada.



Figura 1- O Estrangeiro - Vale do Anhangabaú, São Paulo (posteriormente removido). OsGemeos.
Fonte: Fernandosouza- flickr



Figura 2- Vendoo- Rio de Janeiro. Fonte: Vendo_505 | Instagram

Estêncil: o estêncil é uma técnica de graffiti em que é utilizado um molde vazado para aplicar desenho em superfícies. Também é possível utilizar uma máscara, radiografia antiga, tampa de caixa de sapato, garrafa PET, entre outros materiais para formar o molde. Também se utiliza o *spray* ou outro tipo de tinta para fixar as ilustrações e desenhos nas ruas, postes, paredes, entre outros. O estêncil também é muito utilizado na moda, para replicar estampas. Um nome bastante conhecido internacionalmente é do artista grafiteiro Banksy, que utilizava se estênceis para retratar sua arte e comunicar em superfícies das cidades.



Figura 3- Sweep It Under the Carpet, Banksy
Fonte: banksyexplained.com

Poemas: qualquer tipo de manifestação literária que surge no ambiente urbano. Os poemas podem ser escritos em paredes, bem como colados em papel nos locais, como paredes, postes, placas, entre outras superfícies.



Figura 4- Sem nome, Poesia em Postes. Fonte: poesiaemposte| Instagram

Autocolantes e Colagem: chamado de “*sticker art*” (arte em adesivo em inglês), esse tipo de arte utiliza a aplicação de adesivos pela cidade, utilizando esse suporte como manifestação artística. Normalmente seu formato é menor que uma folha A4 e muitas vezes já estão com cola por serem impressos no papel adesivo. O **sticker**, assim como outras manifestações, tem um viés de rebeldia a partir de quem o cola, e é comumente

visto em postes, placas e partes traseiras de placas. Pode-se encontrar imagens impressas pouco elaboradas, formas simples e figurativas, podendo ser imagens de publicidade ou *tags* - assinaturas produzidas por pixadores e grafiteiros. Existe um tipo de **sticker** sem matriz para multiplicação do trabalho, que é o caso do *Free hand*, ou seja, feito à mão livre.



Figura 5. Autocolante, Gbrl. Fonte: autoral.

Cartazes: Muito comum esse tipo de intervenção urbana, também chamada de “cartazes lambe-lambe”, afixados com papel e cola pela cidade, sejam em postes, praças, edifícios, feitos manualmente ou impressos.

Chamada internacional de lambe-lambes, o PEGLAM International - Pegatinas e Lambes, realizado pela rede Lambes Brasil e os artistas brasileiros Alberto Pereira, D15cordia, Magosh e os argentinos Gerdy Harapos e Ale Giorgga reuniu mais de 250 artistas de 17 países em Sorocaba, interior de São Paulo.



Figura 6- PEGLAM de 2018 em Sorocaba. Rogerio Passini.
Fonte: Lambes Brasil.

Estátuas Vivas e artistas de rua: muito encontrado nas grandes cidades como forma de entretenimento turístico, as estátuas vivas realizam um importante trabalho com o corpo, os quais permanecem estáticos durante longo tempo, realizando pequenos movimentos. Geralmente estão pintados e caracterizados.



Figura 7- Camponesa francesa Charlotte, Shirley Bráulio.
Fonte: Edésio Ferreira| Jornal Estado de Minas

Apresentações: essas apresentações de rua podem ser de caráter teatral, musical, circense (malabaristas, palhaços, etc.), sendo trabalhos solos ou em grupos. Os artistas de apresentações de rua buscam intervir nas ruas com sua arte como forma de protesto, sendo um meio de chamar a atenção dos passantes, ou até mesmo fazer renda financeira. Essas manifestações podem ser encontradas em calçadas de ruas de centros urbanos, praças, parques e até semáforos.



Figura 8- Malabarista de rua
Fonte: por Eduardo Casalini| Wikipédia

Instalações: são inúmeros tipos de instalações artísticas como exemplos de arte de rua, sejam objetos, materiais distintos, com o intuito de provocar uma mudança no cenário já existente.



Figura 9- Escadaria Selarón, Jorge Selarón
Foto por Marshallhenrie | Wikipédia

4 GRAFFITI

Etimologia: Graffiti vem do italiano grafito ou graffito, que significa arranhado, rabiscado. Neste capítulo, trabalharei um conceito amplo de Arte Urbana e no item seguinte, irei abordar de maneira mais contextualizada sobre o Pixo e o Graffiti.

4.1_O graffiti na sua gênese - Referência estrangeira

Na década de 1960, nos Estados Unidos, a pintura mural ganhou um significado político, especialmente no movimento de defesa dos direitos antirracistas, de acordo com o autor do livro *Grafite Urbano Contemporâneo*, Paulo Knauss. Por exemplo, Em Chicago, durante o movimento Black Power, um grupo de 21 artistas negros colaborou para criar um mural coletivo chamado Wall of Respect, que celebrava a identidade afro-americana. Outro mural chamado Wall of Truth também foi inaugurado no mesmo ano, seguido pelo Wall of Pride em uma igreja episcopal.

Ainda nos anos 60, os murais Chicanos (*Chicanos Mural Movement*) também se tornaram ícones do movimento social americano nas áreas urbanas. Apesar da repressão enfrentada pelos artistas de rua, houve resistência da comunidade do Graffiti. Um exemplo disso foi o surgimento do movimento Spraycan Memorials, onde murais encomendados, marcados com as letras R.I.P (descanse em paz), foram criados em memória de pessoas falecidas na cidade. A maioria desses memoriais foi criada por artistas latinos (porto-riquenhos) e denunciava as condições de vida dos grupos socialmente marginalizados, bem como a violência urbana e estatal.

O Graffiti começou a ser introduzido no cenário artístico a partir de ações como as do Hugo Martinez, sociólogo e professor de verão de um colégio para pessoas pobres, que criou a UGA- United Graffiti Artists, em 1972. Através dessa União, artistas fizeram exposições e espetáculos em Nova York e Chicago, apresentando obras que variavam entre 200 e 3.000 dólares.

Em 1974, a NOGA (Nation of Graffiti Artists) foi formada por Jack Pelsinger, um ator e dançarino, e eles realizaram sua primeira exposição em 1976. A associação durou até o início da década de 1980. No mesmo ano, a revista New York Magazine tratou o

grafite como uma forma de arte, e foi estabelecido o prêmio TAKI, que reconhecia duas categorias de obras premiadas: Grand Design e Station Saturarion. Também em 1974, o autor Norman Mailer publicou o livro "The Faith of Graffiti", que teve grande repercussão ao qualificar a ação dos grafiteiros como arte.



Figura 10- Wall of Respect-Chicago

Foto por Robert A. Sengstacke



Figura 11- Mural Chicano. Fonte: Postado por Ricardo Romo.



Figura 12- Capa do livro R.I.P MEMORIAL WALL ART sobre o Spraycan Memorials. Fonte: Martha Cooper, Joseph Sciorra

Todos esses fatos mencionados me fizeram observar como o Graffiti era e ainda é uma forma das pessoas marginalizadas se fazerem ouvidas ou vistas, não somente como uma proposta de embelezamento da cidade ou de identificação, mas também como meio de comunicar sobre elas, sobre a periferia, sobre as classes menos favorecidas. Além disso, é interessante ver como o Graffiti foi tomando outro rumo ao longo dos tempos, não se restringindo a algo lido como incorreto e como ato de vandalismo, mas sendo enxergado como uma alternativa artística e de comunicação.

4.2_ O grafitti no Brasil

O surgimento do Graffiti no Brasil foi marcado por vários acontecimentos e figuras importantes no cenário, que hoje são reconhecidas mundialmente e se tornaram grandes influências na Arte Urbana e na Cultura nacional. Com isso, criei uma Linha do tempo para ilustrar os momentos que considero mais importantes desde o surgimento do Graffiti no Brasil até grandes eventos com essa temática.



Figura 13- Linha do Tempo do Graffiti no Brasil

Fonte: arte autoral.

Panorama do Graffiti no Brasil: a cena do Graffiti no território brasileiro foi iniciada em meados de 1970, em meio à ditadura. Em meio a uma das maiores repressões existentes nos tempos atuais, os jovens se viram na necessidade de externar suas mazelas e se manifestar contra as repressões. Um cenário bastante conhecido é o da cidade de São Paulo.

Por todo o Brasil, ainda na década de 70, surgem escritas em muros e paredes com o termo “Cão Fila KM26”. Enquanto muitos acreditavam ser uma mensagem subliminar, inclusive os militares, a história desse acontecimento que marcou o cenário da pichação e graffiti no Brasil é bem mais simplória. O autor por trás da mensagem era Tozinho, Antenor Lara Campos, falecido no ano de 2012. Tozinho, além de pichador, era

atleta. Porém, seu objetivo com o texto Cão Fila KM26 era apenas divulgar seu negócio: Antenor era criador e vendedor de cães da raça Fila Brasileiro. Ele morava em São Bernardo do Campo, num sítio banhado pela represa Billings, no KM26. A inscrição se tratava de um anúncio de que haviam cães da raça Fila brasileiro à venda no KM26 da estrada que beirava a Represa. Antenor chegou a ser confundido com guerrilheiros comunistas pelo Exército e foi preso. O então Coronel, antes de soltá-lo, recomendou que o mesmo utilizasse tintas pretas e não vermelhas, para que não fosse confundido com comunistas, segundo o próprio Tozinho para o Jornal Diário do Grande ABC. O pichador realizou suas inscrições por diversas cidades do Brasil e virou referência no cenário da pichação e do graffiti nacional.

Ainda nos anos 70, outra inscrição intrigante circula pelos muros da cidade do Rio de Janeiro. “Celacanto provoca maremoto”, feita por Carlos Alberto Teixeira, jornalista que tinha apenas a intenção de fazer uma brincadeira com as pichações. O termo é originário de uma série japonesa da década de 60 chamada Tonkatsu, em que um dos vilões diz “celacanto provoca maremoto”.

O movimento Xarpi, palavra que significa pixar ao contrário, surgiu no Rio de Janeiro no fim dos anos 70. A atividade no cenário carioca tem algumas diferenças com as de São Paulo: enquanto os formatos dos pixos paulistas são atribuídos a logos de bandas de rock e arranha-céus, as manifestações de xarpi carioca tem formatos mais ondulados. Também vale ressaltar que há diversos alfabetos caligráficos no Xarpi, assim como no Pixo.

Por muitas vezes, o objetivo do Xarpi é se comunicar através dos grafismos com a própria comunidade underground, muitos inclusive só conseguem ser lidos por outros pixadores. De acordo com o pesquisador antropólogo Alexandre Barbosa Pereira, os integrantes do movimento diferencial “pixação” de “pichação”, sendo o *picho* um tipo de grafia legível para todos, enquanto no *pixo*, apenas as pessoas inseridas no cenário são capazes de interpretar.

A Revista Graffiti já existia em 2000, quando o artista Binho Ribeiro era colaborador. Porém, quando retornou ao Brasil vindo do Japão, foi convidado a se tornar produtor geral da revista, colaborando com edição, reportagem e conteúdo completo. Se

manteve como dono da revista durante nove anos e segundo o mesmo, a revista tinha tiragem de 35 mil exemplares e 78 edições. A revista integrava conteúdos como entrevistas, técnicas de graffiti, matérias jornalísticas e intervenções urbanas de variados artistas em suas publicações.

Atualmente, encontra-se pouco sobre as edições, assim como seus exemplares, onde alguns ainda são vendidos pela internet. Infelizmente, não pude encontrar fontes que informassem quando a revista parou de ser publicada, mas o periódico ficou bastante famoso no cenário do Graffiti inclusive por abranger e mostrar diversos artistas que ainda não eram tão notados. As artes publicadas na revista não eram selecionadas apenas aos artistas conhecidos e isso integrava a comunidade, além da revista trazer um aspecto de pertencimento e valorização dos artistas.

Ainda no ano de 2000, um grupo de jovens suburbanos do Rio de Janeiro utilizam a linguagem artística do graffiti para trazer nossas perspectivas às paisagens cariocas. Esses são integrantes da Nação Crew. A Nação era composta pelos artistas apelidados de Ment, Bragga, Preás, Chico, Gais, Stile, Ocrespo e Machintal, que realizavam trabalhos artísticos por toda a cidade e também pela Baixada Fluminense. Posteriormente, marcaram presença artística também na Holanda e Espanha.

A história da Nação começa nos anos 90, conectada a cultura do skate, Hip Hop e festas de Rap, onde os grafiteiros se encontravam e trocavam ideias. As oficinas de graffiti nas comunidades foi o que transformou isso em um laço e criou-se uma comunidade sem pretensão de ser, de maneira intuitiva, através das afinidades dos artistas entre seus trabalhos.

Enquanto Chico já utilizava a marca “Nação” sendo estampada em camisetas pelo bairro Méier, subúrbio do Rio de Janeiro, os colegas começaram a pintar e assinar com a mesma marca de maneira automática, pela identificação. Através dessas ações, eles se tornaram mais notados e conquistaram mais espaço, descobrindo assim como o graffiti pode construir um canal de comunicação que auxiliasse a compreender e lidar com alguns recortes da cidade, como trabalhos em escolas, por exemplo.

Em um trecho da entrevista com os artistas feita por João Xavi em 2007, o artista Ment explica que já fazia alguns trabalhos educacionais em escolas, mas não tinha noção

da força que o graffiti, sendo observado como uma ferramenta, tem como ferramenta de levar a arte para pessoas que não tem acesso. Ele menciona que o graffiti é uma ferramenta muito direta, em que você fala diretamente pras pessoas, de igual para igual, sem diferenciação de classe.

Os artistas da Nação também defendem que o graffiti pode sim ser comercializado e abranger não só as ruas, como empresas, ações, eventos e tudo mais. Eles compreendem que se o material utilizado para ações comerciais sobram, é nas ruas que eles utilizarão esse material, pois é uma maneira de resgatar a cultura da Arte Urbana e ainda assim, expandir a perspectiva sobre a mesma.

Em 2006, aconteceu a primeira edição do *Meeting Of Styles* no Rio de Janeiro. O MOS é um evento que ocorre desde 1997, somando atualmente mais de 400 edições ao redor do mundo. O evento consiste em reunir pessoas, criar publicidade e aumentar a rede intercultural, integrando e patrocinando artistas urbanos de todo o mundo, além de comunicar, trocar ideias, habilidades e técnicas.

O *Meeting of Styles* nasceu na Alemanha, em meados dos anos 90, quando criaram uma *Hall of Fame de Graffiti*, onde artistas podiam pintar quase que legalmente enormes superfícies, numa área antes abandonada conhecida como *Scholachtof Wiesbaden*. Quando surge um plano do conselho da cidade de destruir o local, foi criado um movimento chamado *Int. Wall Street Meeting*, com o intuito de agregar visitas e receber mais artistas para movimentarem o local e fazê-lo ser notado como um elemento importante para a área. Mesmo após anos de esforços, reunindo pessoas de todo o mundo, não foi possível preservar a área. Contudo, o evento se tornou bastante popular e, devido a sua reputação e o *feedback* recebido, o *Meeting of Styles* foi criado, uma rede internacional de artistas e aficionados.

O evento de 2006 foi o primeiro a ocorrer nas terras brasileiras e foi um sucesso. A parede escolhida para as intervenções se localizava no Leblon, bairro da zona Sul da cidade, na comunidade da Cruzada de São Sebastião e deu espaço para novos artistas, entretanto, nessa edição, o número de artistas a grafitar foi limitado e no dia do evento a procura foi maior que a demanda, então, muitos artistas não puderam grafitar. Diante de

uma reclamação de um artista carioca, o mesmo fez uma brincadeira afirmando que quem não conseguiu participar do *Meeting of Styles*, iria participar do *Meeting of Favela*.

O MOF surgiu como um mutirão articulado pelos artistas Kajaman e Criz Silva para acontecer na Vila Operária, na cidade de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. A proposta inicialmente tinha como objetivo fazer um mutirão voluntário entre artistas conhecidos como o Coletivo Posse 471, tendo como integrantes André Lourenço da Silva (Kajaman), Carlos Alberto (Carlos Bobi), Christiano Domingos (HMP), Herik Franson (Noia), Klebert Gonçalves (Kleber Black), Márcio de Oliveira (Márcio Bunys) e Wesley de Oliveira (Combone) e outros, porém, após o episódio do *Meeting of Favela*, em 2006, o projeto tomou uma escala maior, se tornando, posteriormente, o maior mutirão voluntário de *graffiti* da América Latina: O *Meeting of Favela*.

Os mutirões de Graffiti surgiram no Rio de Janeiro através do artista Mv Hemp, que conheceu essas ações nas comunidades do Nordeste*. O artista, juntamente com Criz Silva (que também é designer gráfico), iniciaram o projeto no bairro de Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro, e após entrar em contato com outros artistas, começaram a pensar em como levar esses mutirões para outras áreas do estado.

Kajaman foi o artista responsável por levar a proposta do mutirão para a Vila Operária, onde ainda não havia indícios dessa arte urbana. Então, em 2006, com a ajuda da Crew Posse 471, o artista conseguiu levar o evento para o local. O nome *Meeting of Favela* surge como uma alusão ao *Meeting of Styles*, sendo popularizado pelos artistas presentes no evento.

Na mesma época, acontecia o evento Hutúz no Rio, com dezenas de artistas do cenário do Hip Hop presentes, além de grafiteiros e Mcs, logo, o evento foi difundido em meio aos artistas e todos ficaram cientes que o MOF era voluntário e aberto ao público. O próprio Criz Silva montou o flyer e junto com a Posse 471 divulgou o mutirão.



Figura 14- Primeiro flyer do evento que foi denominado como Meeting of Favela.
Fonte: POSSE 471, 2006. Fotolog



Figura 15- Post do fotolog com a foto da Vila Operária com o nome do mutirão
Fonte: Fotolog Posse 471, 2006.

O evento ocorreu no dia 19 de Novembro de 2006, se tornando, a partir daí, um evento anual, recebendo cada vez mais cores e convidados a cada ano. O primeiro encontro reuniu cerca de 50 grafiteiros, além de artistas *Mcs* e *B-boys*.¹ Atualmente, o evento é não só um movimento de graffiti, mas se tornou uma mobilidade também para os moradores da região. Segundo os organizadores, ocorrem festas de Hip Hop e também outros ritmos, como o arrocha. Além disso, a economia local se movimenta ainda mais com a venda de alimentos, bebidas, abertura de lojas e stands de vendas, e recebe também pessoas estrangeiras, que vêm curiosas e empolgadas para curtirem e participarem do evento².

4.3 _ Graffiti e Pichação

O Pixo, Pixação ou Xarpi, conhecido no Rio de Janeiro, se trata de inscrições que se repetem em distintas áreas urbanas, comumente usada para marcar territórios ou marcar assinaturas dos pixadores. Já a Pichação, pode significar escritos nas paisagens urbanas que incluem declarações de amor, protestos e posicionamentos políticos. Para realização, pode ser utilizado spray, rolo de tinta e até estencil.

Já o *Graffiti* se trata de arte urbana que inclui escritas elaboradas, ao que chamo de *Lettering Graffiti*, ilustrações e desenhos, sejam autorais ou referências da cultura pop, antes muito visto apenas em áreas urbanas como grandes cidades, muros, paredes e até vagões de trem e metrô, porém, atualmente também vistos em decorações de eventos, peças artísticas e estabelecimentos. Ambos movimentos (pixação/pichação e *Graffiti*) antes foram criminalizados, porém, atualmente, o *Graffiti* deixou de ser considerado crime, desde que ocorra com a autorização do proprietário do local.

¹ *Mcs* é uma sigla para Mestre de Cerimônias, derivado do inglês Master of Ceremonies, de acordo com o Dicionário *Collins Dictionary*

² Ver Anexo Filme intitulado CINE MOF com Lu Brasil

Pesquisar sobre todos esses eventos ocorridos no Brasil me fez perceber como o Graffiti anda lado a lado com a comunicação visual e com a ideia de mostrar a sociedade que as pessoas podem fazer a diferença e educar através da Arte e do Design. Observo o Graffiti cada vez mais atrelado também ao design, considerando todo o movimento de planejamento dos artistas desde criarem suas peças até organizarem eventos, trazendo até o nicho de Design de Serviços para essa nova perspectiva. Compreendo assim que o Graffiti está relacionado a mostrar, visualmente, como as pessoas se sentem representadas, como querem ser vistas, mostrar sobre militância, instigar a criatividade das pessoas, inclusive de crianças, sobre a arte e a alternativa de seguir um caminho diferente do que muito se pensa na periferia, o que compreendemos como “caminhos errados” atrelados a violência, por exemplo. Ainda, percebi por essas análises que os grafiteiros querem também educar, mostrar que as coisas podem ser diferentes e melhores, ao mesmo tempo que querem ser vistos, e não apagados, assim como também pude internalizar que essa técnica e Arte Urbana tem ascendido cada vez mais na sociedade, mas isso ocorre devido à luta da comunidade do cenário.

4.4_ O Graffiti na ESDI

Ao caminhar pelos arredores e áreas externas da ESDI, é possível observar diversas artes urbanas e isso me deixa animada, porque compreendo o Graffiti como uma intervenção que comunica, retrata e traz dinamismo visual para os ambientes. Na escola, já ocorreram eventos com artistas de coletivos, mas também há artes criadas por alunos e ex-alunos, que simplesmente sentiram vontade de registrar algo por lá.

Cada intervenção tem a sua individualidade, mas juntas, elas compõem o que eu leio como uma espécie de história, o que me instiga a saber sobre cada artista que deixou sua marca, sua palavra ou sua voz por ali, estando nos muros externos, internos, paredes e até no popular avião do pátio da escola. Esse acontecimento me remete a como a Arte Urbana está ligada também ao Design, e vejo nele uma oportunidade de integrar observação, análise e experimentação de Graffiti.



Figura 16 - Graffiti no entorno da ESDI 1. Autor desconhecido. Julho/2023. Fonte: autoral.



Figura 17- Graffiti no entorno da ESDI 2. Autor desconhecido. Julho/2023 Fonte: autoral.



Figura 18- Graffiti na parede interna da ESDI 1. Autor desconhecido. Julho/2023 Fonte: autoral



Figura 19- Graffiti na parede interna da ESDI 2. Autor desconhecido. Julho/2023 Fonte: autoral



Figura 20- Graffiti no avião do pátio da ESDI. Autor: Coletivo Athenas Anl. Julho/2023. Fonte: autoral

5 REFERÊNCIAS ESTILÍSTICAS SEGUNDO UMA ABORDAGEM TÉCNICA

5.1_Técnicas e Métodos de Graffiti: Materiais e equipamentos

Executar o Graffiti na parede ou em outra superfície é possível com diversos materiais e técnicas. Normalmente, o graffiti da parede sai de um *sketch*. Os materiais são papel, lápis, canetas hidrográficas, canetas finalizadoras e nanquim. Os materiais mais utilizados para a arte na parede são: tinta acrílica o látex para base- como não é um material barato, os artistas utilizam corantes e uma tinta de pigmento branco para fazerem as variações de cores e tons- , rolos de variados tamanhos, trinchas e pincéis, porém, o mais comum e popular é o uso de sprays próprios para Arte Urbana. Os sprays acompanham *Caps*, ou bicos, as pontas das embalagens do spray. Existem diversas aberturas dos *Caps*, e cada abertura irá determinar quanto de tinta sairá deles. Os tamanhos variam de: *ultra thin*, *thin*, *medium*, *fat* e *extra fat*. Também é possível fazer adaptações nas caps, como pôr uma agulha de seringa na saída do ar de um *cap* para fazer um traço ainda mais fino. Esses materiais são comumente encontrados em lojas de Graffiti chamadas *Graffiti Shops*.



Figura 21- Caps ou Bicos
Fonte: Mundo Graffiti

5.2_ Técnicas e Métodos de Graffiti: Processos

Há várias formas de tirar a arte do papel para pôr na parede, como realizar a marcação inicial do desenho utilizando um *spray* (ou tinta acrílica) de cor clara ou translúcida, a fim de facilitar a observação da arte. Também é possível utilizar marcações de símbolos aleatórios, ou até mesmo quadricular o espaço a ser utilizado, auxiliando na dimensão.

Uma forma mais atualizada e tecnológica de facilitar a observação do *sketch* na parede é o uso de um projetor portátil, embora traga alguns riscos, visto que a maioria das artes são feitas em paredes de locais abertos e públicos, é uma boa alternativa caso haja alguém para monitorar o aparelho enquanto o artista realiza a pintura. Além dessas técnicas, também é possível o uso de estêncil para demarcar a área a ser pintada e formar a arte.

5.3_ Técnicas e Métodos de Graffiti: EPI e cuidados

No que se refere ao cuidado na hora da execução das artes, alguns materiais são necessários. Normalmente, o Graffiti é realizado em paredes e muros de diversos tamanhos, além das famosas empenas, como são chamadas as faces laterais de prédios que são pintados, o que requer equipamentos de proteção individual- os EPIs.

Para projetos que não requerem que o artista saia do chão, é importante a utilização de óculos de proteção e máscara de proteção para filtrar a fumaça e a fuligem que as tintas produzem no ar. Embora muitos artistas não façam uso, também é necessário o uso de luvas de proteção para evitar contato físico com a tinta. Já para trabalhos maiores, como muros totais ou empenas, é necessário o uso de cintos de segurança para altitudes quando há utilização de andaimes, guindastes, e também capacetes.

5.4_ Técnicas e Métodos de Graffiti: Lettering Graffiti

Etimologia

Lettering: do Inglês Letter. Ato de escrever, colocar letras em algo, substantivo verbal de letter, de acordo com o *site* Etymonline.

Lettering Graffiti é o tipo de arte no cenário que envolve desenho de letras, formação de palavras, frases ou siglas nas superfícies. Partindo do raciocínio que a técnica do Lettering exige planejamento prévio para execução, no campo do graffiti ocorre da mesma maneira. Na maioria das vezes, antes de aplicar a arte na parede ou muro, são feitos *sketches* no papel a fim de compreender a estrutura da palavra ou frase, observar espaçamento, como também trabalhar a estilização da arte.

Existem algumas técnicas de letras no Graffiti que podem ser facilmente identificadas ao redor de uma cidade. Os estilos que pude identificar são os seguintes:

BOMB

Técnica mais conhecida por ser rápida, normalmente utilizada de maneira ilegal (sem consentimento), podendo ser feitas inscrições simples e conter duas ou três variações de cor, formato arredondado e “gordinho”, além de contornos, iluminações e detalhes.



Figura 22 - Bomb vermelho- Fonte: Pedro Pipok

Bomb azul- Manda



Figura 23 - Bomb na cidade de São Paulo. Fonte: não encontrada.

THROW-UP

O estilo *throw up* é semelhante ao *Bomb*, com a diferença de ser mais simples. Também categorizado como técnica rápida, normalmente é feito com uma cor só ou apenas o *outline*, ou seja, contorno das letras. O formato também é arredondado, com letras gordas ou com pontas quadradas e unidas.

“O ‘throw up’, também conhecido como throwie, é uma tag feita com letras contornadas, adicionadas a cor de preenchimento e sombras. Deve ser mais simples, fácil e rápido de fazer, algo para lembrar de cor e apenas “vomitar” na parede a qualquer momento- por esta razão, o nome ‘throw up’. Para criar essas letras com formato bolha, basta fazer o outline (contorno) de uma letra de estilo normal. Imagine que você pega a letra normal e sopra como um balão. Agora é possível brincar com preenchimentos, sombras, gotas e rachaduras.”

TOUBORG. Tipos de Letra. Disponível em Graffitibible.com.

Acesso ago 2023



Figura 24- Anatomia do Throw up- Tradução autoral.

Graffitibible.com

WILDSTYLE

A técnica *wildstyle* consiste em uma combinação de letras desenhada de maneira mais elaborada, com bastante detalhes e formas diferenciadas. Também engloba uso de mais cores, sombreamento, iluminação e elementos de composição na arte, além do entrelaçamento das letras. Algumas vezes se torna difícil compreender o que está escrito devido aos floreios e formatos diferentes.



Figura 25- Graffiti Wild Style sobre muro. Getúlio Vargas, Rio Grande/RS. Fonte: Christiano Piccion

5.5_Personalidades renomadas do cenário

Alex Vallauri

Em 1978, Alex (Alessandro) Vallauri chama atenção. O artista, de origem etíope, erradicado no Brasil, foi precursor na estética do Graffiti no cenário brasileiro. Alex chegou ao Brasil em 1965 e viveu no estado de São Paulo. Era grafiteiro, artista gráfico, pintor, gravador e desenhista e retornou ao país em 1978, após se especializar em litografia no Litho Art Center, em Estocolmo, Suécia.

O artista já expôs na Associação Amigos do Museu de Arte Moderna de São Paulo (AAMAM/SP), na Pinacoteca do Estado de São Paulo e participou da Bienal Internacional de São Paulo em 1971, 1977, 1981 e 1985. Entre 1982 e 1983, estudou artes gráficas no Pratt Institute, Nova York.

Vallauri produziu registros gráficos de personagens como estivadores e prostitutas, além de evocar estética Pop Art, personagens que remetem a cultura dos quadrinhos e pin-ups. Na Bienal Internacional de São Paulo de 85, apresenta A Festa da Rainha do Frango Assado, um conjunto de grafites e alguns objetos que simulam uma casa com ícones da sociedade de consumo. Alex Vallauri faleceu aos 37 anos, em São Paulo. O dia de seu falecimento, 27 de março, se tornou o Dia do Graffiti, em homenagem ao artista, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Profeta Gentileza

José Datrino nasceu em 1917 no estado de São Paulo, na cidade de Cafelândia. Quando o Profeta era criança, recebeu um chamado divino, de acordo com ele mesmo, e dizia ter uma missão a cumprir na Terra.

O Profeta morou num local que antes residia o Gran Circus Norte-Americano de Niterói, atual Policlínica Militar de Niterói, local que foi palco de um grande incêndio na data de 17 de Dezembro de 1961, onde morreram mais de 500 pessoas. José disse ter ouvido vozes astrais que diziam para que se dedicasse ao mundo espiritual, então, pegou um de seus caminhões e partiu rumo ao local do incêndio, onde plantou horta e jardim sobre as cinzas do circo e por lá ficou durante quatro anos. Agindo como consolador

voluntário, confortou as famílias da vítima do acidente com palavras de bondade. Assim, passou a se chamar José Agradecido ou Profeta Gentileza.

O profeta deixou o local que fora denominado Paraíso Gentileza, e se tornou andarilho. A partir de 1970, percorreu as cidades do Rio de Janeiro e Niterói, em praças, nas barcas de travessia, em ônibus e trens, pregando e levando palavras de amor e respeito pelo próximo e pela natureza. Nos anos 80, escolheu diversas pilastras do antigo Viaduto do Gasômetro, no total 56, para realizar inscrições em cor verde-amarelo, propondo alternativas ao “mal das civilizações”. Com o tempo, houveram modificações por pichadores, e posteriormente foram cobertos de tinta cinza pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, mas esta ação da prefeitura não agradou a população e houve diversas críticas. Posteriormente, a Prefeitura do Rio colaborou para a organização do projeto Rio com Gentileza, com o intuito de restaurar os murais do artista, e os mesmos começaram a ser recuperados em 1999.

A partir do ano 2000, os murais foram tombados por órgãos de proteção da Prefeitura do Rio de Janeiro. Após estes acontecimentos, o Profeta Gentileza já foi homenageado através de livros, Escolas de Samba, ONGs, e atualmente, a Prefeitura do Rio anunciou um novo terminal de VLT, BRT e ônibus, que se localiza próximo às pinturas do Profeta, chamado de Terminal Intermodal Gentileza.

Seu legado perdura não só na cultura popular, onde trechos de seus murais são aplicados em diversas superfícies, como *ecobags*, quadros, canecas, entre outras, mas também sendo referência do Graffiti, pois seus murais representam parte do cenário carioca e inspiram pessoas e artistas diariamente.

Como moradora do subúrbio carioca, por muito tempo passei pela Avenida Francisco Bicalho todos os dias, onde se encontram as pilastras do Viaduto, rumo ao Centro da cidade do Rio. Por ser um trecho que, em horários de pico, costuma estar engarrafado, as pessoas que passam por lá (como eu) através de transportes coletivos têm a oportunidade e o tempo para observar e ler as inscrições do Profeta nas pilastras, o que transforma essa vivência como familiarização de alguma manifestação artística e de Design, pois as inscrições do Profeta são específicas, tendo seu estilo próprio, de modo que se tornou inconfundível pela cidade. Era sempre interessante observar as

inscrições com calma, pois de início, ao olhar rápido, parecem letras embaralhadas e sem nexos, mas ao buscar ler os murais, é possível compreender as mensagens do Profeta. As letras são características e, atualmente, inconfundíveis. Descobri por acaso que as inscrições eram do Profeta Gentileza ao observar a criação do novo terminal do BRT Profeta Gentileza, localizado próximo a Rodoviária Novo Rio, na Avenida Francisco Bicalho. Os pontos foram se unindo quando surgiu a curiosidade de saber o porquê do novo terminal ter esse nome. Depois de descobrir, percebi que o nome do profeta Gentileza não é tão difundido quanto deveria, pois eu mesma, frequentadora da Avenida Brasil, com conexão à Avenida Francisco Bicalho, não sabia da existência dessa figura tão marcante para o Rio de Janeiro.

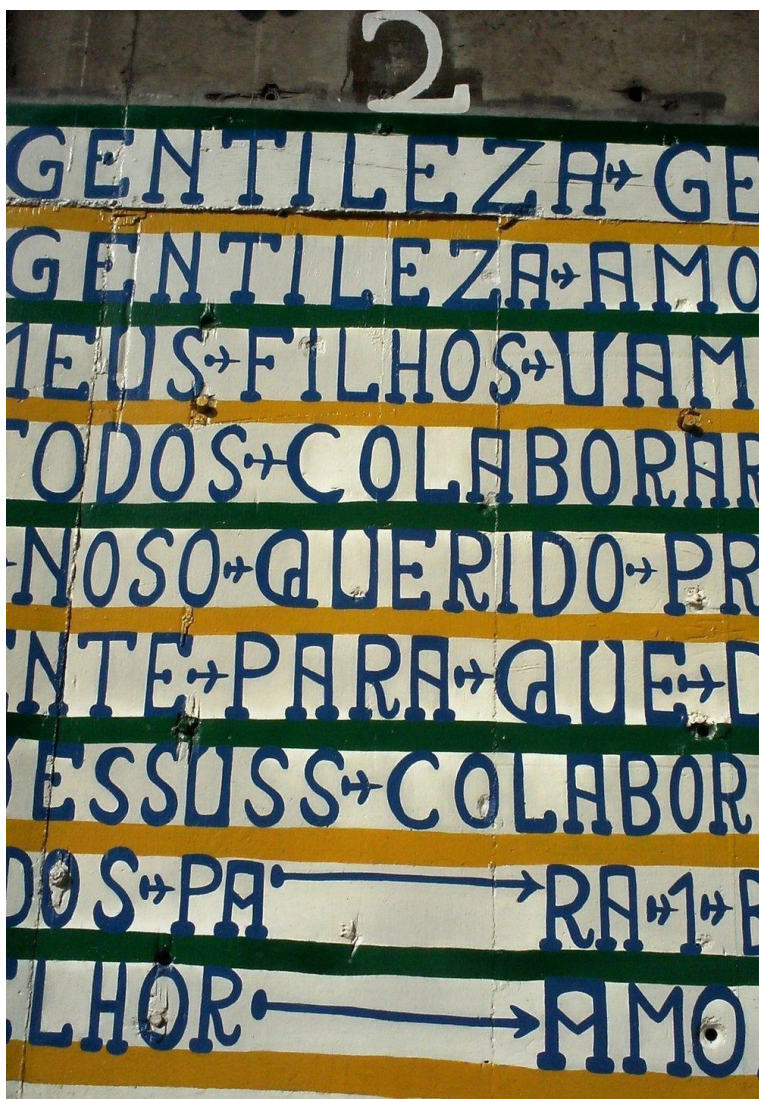


Figura 26 - Mural do Profeta Gentileza 1

Fonte: Diário do rio



Figura 27- Mural do Profeta Gentileza 2

Fonte: literaturaeriodedejaneiro.blogspot

6 MULHERES NO GRAFFITI

“A mulher tem que ser reconhecida pelo seu trabalho, e não pelo seu gênero. A mulher tem que grafitar igual mulher, tem que trabalhar igual mulher, tem que lutar igual mulher. Tem muita grafiteira que tá indo pras ruas e grafitando muito melhor do que homem, por que fica aí essa comparação? Por que o trabalho da mulher, que é um trabalho maravilhoso, tem que ser comparado com o do homem? só é bom porque está parecido com o trabalho de um homem? A gente tem que quebrar isso. É nas ruas que a gente tá quebrando, é com esse diálogo que a gente quebra diariamente, sabe?”

Lu brasil- CINE MOF | fonte: Meeting of Favela- youtube.

Atualmente, é possível encontrar diversas referências femininas no cenário nacional do Graffiti, tais como: Panmela Castro, ou Anarquia, responsável pelo coletivo Rede Nami; Nina Pandolfo, grande artista visual e grafiteira de São Paulo; Amora, grafiteira que se denomina “Sampleadora visual”, dentre muitas outras. Porém, essa realidade hoje é mais notória, ainda que a cena do Graffiti siga em sua maior parte com bastante preconceito e exclusão da mulher.

Um grande exemplo de resistência feminina no cenário do Graffiti é a artista Lady Pink, natural do Equador, que iniciou no graffiti nos anos 70. Segundo a artista, a receptividade masculina não foi muito boa, pois havia (e ainda há) muito sexismo por parte dos homens de acordo com trechos do artigo As Garotas do grafite, escrito por Gilberto de Abreu em 02 de Outubro de 2015.

Diversos fatores dificultam a presença das mulheres no Graffiti, como por exemplo a segurança, embora o maior problema seja o machismo. Para estudar melhor sobre essa realidade, decidi entrevistar algumas grafiteiras, pois creio que não há melhor maneira de ouvir sobre a realidade das pessoas do que falar com as próprias. Logo, desenvolvi as seguintes perguntas para observar as perspectivas das artistas:

- 1- Há quanto tempo você grafita?**
- 2- Você se sente segura ao grafitar nas ruas? Por que?**
- 3- Como começou a grafitar? O que/quem te motivou a entrar no cenário?**
- 4- Quais referências femininas você tem como inspiração?**
- 5- Você sente que o cenário inclui as mulheres sem distinção de gênero?**
- 6- Você já sofreu algum preconceito na cena do Graffiti por ser mulher?**

7- Você conhece coletivos de apoio a mulheres grafiteiras?

8- Qual mensagem poderia deixar para mulheres que querem iniciar no Graffiti?

A partir dessas perguntas, obtive os seguintes resultados das artistas:

Yaya Ferreira- 13.09.2023- Rede social (whatsapp)

Nascida em Vicente de Carvalho, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, em 1997. Graduada pela UFRJ em Pintura, suas obras passeiam pelas mídias da aquarela, tinta óleo e giz pastel e mídias contemporâneas como graffiti , ilustração digital e tatuagem.

A artista mencionou sobre se sentir segura ao grafitar nas ruas na companhia de outras mulheres e adicionou que hoje o movimento de mulheres no Graffiti tem crescido. Ao mencionar suas referências, a mesma citou Amora Moreira, Nathe Ferreira e Luna Bastos. Ao ser perguntada sobre ter sentido preconceito na cena do graffiti por ser mulher, Yaya informou que houve mutirões em que ela era a única mulher e foi excluída. Por fim, a artista deixa uma mensagem para mulheres que querem se aventurar no graffiti: que “colem” com outras mulheres, pessoas LGBT, se fortaleçam, criem espaços exclusivos, estudem, criem juntas e confiem nos seus trabalhos.

Jlo Borges- 13.09.2023- Formulário online

Moradora do bairro de Irajá, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, a artista é formada em História e grafita há 9 anos. Sobre sua segurança nas ruas, ela menciona que já teve mais inseguranças no início, principalmente por gostar bastante de pintar sozinha. Por isso, desenvolveu uma postura um pouco mais agressiva, que afasta as pessoas que costumam abordá-la, seja por ser mulher ou por ser uma “lésbica bofe”- que não performa feminilidade. Também opta por grafitar durante o dia. A artista cita nomes como Simone Siss, Mag Magrela, Fervo, quando perguntava sobre suas referências femininas. Jlo observa que a cena do graffiti é extremamente excludente com mulheres, principalmente para grandes murais. Homens conseguem ser convidados e indicar outros homens, colocam mulheres para pintar em lugares menos valorizados ou visíveis. Quando pedi para ela deixar uma mensagem para mulheres que querem iniciar no graffiti, ela disse para não se deixarem amedrontar ou diminuir. Quando uma mulher passar pela

sua arte na rua, ela se sentirá representada e também segura por saber que alguém como ela esteve ali.

Amora Moreira- 13.09.2023- Formulário online

Artista visual, se autodeclara “sampleadora visual”, pois seu processo criativo envolve a coleta de diversos materiais para criação de algo “novo”, baseado em referências. A artista passeia pelas técnicas de animação, ilustração, graffiti e colagens, e já estudou na Escola de Belas Artes da UFRJ e na Escola Superior de Desenho Industrial, da UERJ e grafita há 7 anos.

A Amora não se sente segura ao grafitar nas ruas, porém está sempre em estado de alerta ao pintar. Ainda, se sente mais confortável quando a pintura é de algo legalizado. Sobre suas referências, quando iniciou no graffiti, a mesma focava na história do Hip Hop, que não via ser um assunto muito abordado por mulheres, então acabou se inspirando mais nos homens artistas. Atualmente, possui um outro olhar e tem como inspiração artistas como Lolly, Nazura e Fênix. Sua mensagem para mulheres que querem grafitar é: saiba se posicionar. A rua é frequentada por muitos e os “caras” não pensam duas vezes antes de te rebaixar pelo o que você escolhe. Sempre estude a história, o conhecimento é a chave para confiança e poder.

Lorena Peña- 13.09-2023- Formulário online

A Lorena praticava a arte da Pichação por 3 anos, durante a adolescência. Não se sentia segura na rua e relatou que o movimento de rua é agressivo e informa que assumir o Graffiti como arte possibilita pintar durante o dia. Como referências, ela cita Lolly e Renata Edaz. Lorena deixa uma mensagem para mulheres que querem arriscar a técnica do graffiti: Se posicione e quebre barreiras, talento é talento e é indiscutível. O lugar do graffiti como arte já está estabelecido, então, voem sem medo.

Após ouvir o que as artistas tinham a dizer, refleti sobre a questão problemática do sexismo que existe na cena do Graffiti, mas também encontrei âncoras femininas na Arte do Graffiti que me impulsionam a continuar estudando e praticando.

Compreendi que precisamos nos fortalecer a partir da união e nos fazer presentes no cenário, sem medo de arriscar e mostrar nossa arte, contando também sobre nossa história. Ver artistas femininas tendo visibilidade, mesmo que aos poucos, me faz perceber que podemos sim nos inserir em qualquer área que desejarmos, mesmo compreendendo que tudo virá com muita luta e um pouco de tempo.

7 COLETA DE REFERÊNCIAS E EXPERIMENTAÇÕES

7.1_Defesa de mestrado Giulia Del Peño

Proposta de dissertação: Anacrônicos de uma Pandemia- uma análise acerca da produção artística em tempos de crise. Compreendi que o projeto trata sobre realizar intervenções urbanas com temas sobre pandemia, e como a população passante reage a elas no período pandêmico.

Foi interessante observar como a Giulia trouxe referências antigas, como imagens da gripe espanhola (por exemplo, a famosa foto com pessoas usando máscaras em que uma delas está com um aviso que diz “Wear a mask or go to jail”), com o incentivo do uso de máscaras, trabalhando a intervenção urbana com comunicação visual. A artista utilizou a técnica de lambes em pontos da cidade, inclusive na ESDI, a fim de comunicar sobre a conscientização durante a pandemia, trazendo sensibilidade e também militância pelas ruas.

Palavras-chave: Intervenção Urbana, comunicação, projeto, arte, movimento.



Figura 28- Lambes localizados em uma parede da ESDI. Artista: Giulia Del Peño

Fonte: imagem autoral

Eu venho acompanhando o trabalho de pesquisa da Giulia há algum tempo, desde a Pandemia, a partir de um momento em que ela teve a oportunidade de falar mais sobre a dissertação dela na minha turma. Esse trabalho foi uma das minhas motivações a considerar o meu Trabalho de Conclusão ser sobre Arte Urbana, pois conversa totalmente com a minha realidade periférica. Assistir a defesa da dissertação da Giulia me trouxe as reflexões que precisava para endossar minhas ideias, ao ver uma aluna em meio ao Design abordando um tema sobre Arte Urbana e como ela se comunica com a sociedade, me fazendo perceber ainda mais como tudo isso tem a ver com Design, de comunicação e também de serviços. Foi interessante ver que as pessoas passantes

interagir com os Lambes dela, mas principalmente, descobrir que o projeto de lambes conversava com o cenário em que estávamos vivendo, em meio a Pandemia, com o objetivo também de conscientizar a população para com o uso de máscaras.

7.2_Workshop- Graffiti é identidade: a arte urbana como forma de resistência, com Yaya Ferreira

O Workshop de Graffiti foi uma de cinco oficinas fornecidas pela ONG Casinha Acolhida, destinadas à pessoas LGBTI+, pessoas pretas e indígenas.

O evento ocorreu no dia 20 de maio de 2023, de 10h às 16h, no Centro Cultural Municipal Prof. Dyla Sylvia de Sá, localizado no bairro Taquara, no Rio de Janeiro e foi ministrado pela Yaya Ferreira, Artista ilustradora, tatuadora, pintora e grafiteira.

A atividade iniciou com parte teórica sobre o graffiti e logo após, fizemos rascunhos do que queríamos colocar na parede, mas antes, no papel. Utilizamos folha sulfite, lápis, borracha, lápis de cor, giz de cera e canetas hidrográficas. Depois, do rascunho, almoçamos e nos direcionamos ao local das intervenções: a Casa de Artes e Culturas Percília Teles da Silva, organização comunitária que abriga um atelier, biblioteca e área para eventos e rodas de conversa, também localizado no bairro Taquara.

As intervenções ocorreram nas áreas externas da casa, muros internos e externos, e eu escolhi uma parede externa. O meu desenho escolhido foi a palavra “Pretinha”, com uma coroa no topo. Utilizei sprays de arte urbana, fornecidos pela própria ONG, nas cores “transparente”- cor translúcida própria para rascunhar a parede- , vermelho, laranja, amarelo, marrom e preto. Depois, decidi fazer um fundo roxo para contrastar e fazer uma segunda escrita com a mesma palavra em letra com aspecto mais cursivo. O resultado não saiu como esperado, mas, tendo sido a primeira experiência, achei importante registrar e experimentar.



Figura 29- Eu posando ao lado da arte Pretinha finalizada.

Foto por:Tainara

7.3_Curso de Graffiti- Fábrica de Graffiti

Uma das primeiras maneiras que encontrei de estudar sobre graffiti na prática foi através desse curso digital, fornecido pela Fábrica de Graffiti, um projeto de Minas Gerais

que tem por objetivo humanizar espaços industriais por meio da valorização da cultura *StreetArt*, além de capacitar novos artistas.

O curso consiste em dez aulas online e assíncronas, por meio de vídeos que se localizam tanto no site do projeto, quanto no seu canal da plataforma Youtube. Através dessas videoaulas que tenho participado desde o início de 2023, eu tenho aprendido a desenhar letras nos estilos Bomb, Throw up e Wildstyle, além do curso possuir material teórico sobre a história do Graffiti e outras técnicas, como desenvolvimento de personagens, composição e perspectiva, construção de tela e pintura em tela, para aprender a trabalhar com cores e composição, estencil, máscaras, sprays e bicos.

7.4_Diário de Bordo: Graffiti na Escola- Creche Vovó Maria Joana na Serrinha

Após a experiência do WORKSHOP GRAFFITI É IDENTIDADE, houve a oportunidade de um trabalho coletivo com alguns colegas que conheci no workshop. O objetivo era ilustrar as paredes da Creche Vovó Maria Joana, localizada em Madureira, a fim de tornar o ambiente mais atrativo para os alunos e os pais.

O foco das artes era sobre educação, mas também resolvemos incorporar elementos africanos e de ancestralidade, visto que a Vovó Maria Joana foi (e ainda é) uma figura importante para o Jongo, o Morro da Serrinha (onde a creche se situa- ao lado do Jongo da Serrinha) e para a diáspora africana no RJ, sendo também fundadora da Escola de Samba Império Serrano.

A ação artística consistiu em intervenções realizadas em uma creche, com o fornecimento de materiais pela Rede NAMI e pela Casinha Acolhida. A iniciativa teve o apoio da Casa de Criação Miranda. Dividida em três encontros, o participante esteve presente nos dois últimos, em 5 e 20 de junho. No primeiro dia, criou um grafite com um livro aberto, borboletas coloridas, e o símbolo Sankofa³ nos cantos, junto com a frase "Educar é um ato de amor" de Paulo Freire, utilizando giz, spray e tinta acrílica. No

³ "Sankofa" é um ideograma africano representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou também pela forma de duas voltas justapostas, espelhadas, lembrando um coração. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar). Fonte: Trt4.jus.br

segundo dia, focou na parede lateral externa da creche, retratando sua personagem, Aqs, com a frase de Paulo Freire "Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes.", utilizando spray e tinta acrílica em um processo de 5 horas. Sentiu-se mais confiante e preciso na execução da intervenção, explorando novas experiências com sprays.



Figura 30- Arte finalizada no interior da creche Vovó Maria Joana

Fonte: autoral.



Figura 31- Graffiti finalizado na parte externa da creche Vovó Maria Joana.

Fonte: autoral.

7.5_ Oficina de Graffiti- COART UERJ

A Oficina de Estética do Graffiti foi ofertada pela COART, com um valor de R\$ 220,00 para inscrição. A Oficina iniciou no dia 24 de Agosto de 2023, com carga horária de 30h , no COART-UERJ, sendo ministrada pela artista e grafiteira Jlo, que atua no Graffiti há 9 anos.

Fizemos uma primeira aula teórica sobre materiais, nomenclaturas e técnicas, e depois, tivemos aulas práticas no papel, trabalhando com letras e personas.

Em 22 de outubro de 2023, nós, o grupo de alunos, e aicineira Jlo tivemos a oportunidade de grafitar juntos pela primeira vez no muro do metrô na altura de Irajá, e

pôr em prática todos os estudos que havíamos feito até então. Posteriormente, nós fomos convidados a grafitar o banheiro não binário do COART e a intervenção está em processo.



Figura 32- Eu posando ao lado do Graffiti finalizado no muro do metrô. Foto: autoral



Figura 33- Graffiti no Banheiro não binário do COART em processo. Foto: autoral.

8 PROJETO FINAL

8.1_Proposta de Projeto

PERTENCIMENTO. De acordo com o Dicionário Online de Português, ato de pertencer. Ainda, de acordo com o Jornal da USP (Julia Estanislau, 2023), é aquela percepção de alguém fazer parte de uma comunidade, de uma família, de um grupo, de uma nação. Essa é a sensação que tenho ao falar do meu lugar.

Como uma mulher preta, suburbana e periférica, é uma realização enorme ser aluna de uma universidade pública, me ver junto de tantos outros que possuem mais acesso e possibilidades na sociedade, e este trabalho de conclusão espelha parte da minha vivência e da minha história, pois embora o Graffiti seja uma forma de arte nova na minha vida, de onde ele vem é também de onde eu venho. As áreas marginalizadas, partes das cidades que não são tão visadas ou bem conservadas como as zonas centrais e mais elitistas, também apresentam manifestações que clamam por visibilidade. Temas como Design Vernacular, Arte Urbana, Design e comunidade, têm tomado cada vez mais seus lugares nos meios acadêmicos, o que me instigou a unir dois temas que me sinto identificada: Arte Urbana- que representa a comunidade, a periferia e a nossa voz através da Arte, e o Design, que busca tanto o processo projetual quanto o de pesquisa.

A partir desse pensamento, surgiu a vontade de introduzir essa ação afirmativa na comunidade Esdiana, a primeira escola de Design da América Latina, que hoje é povoada por diversos alunos pretos, suburbanos e periféricos, a fim de trazer ainda mais o conceito de Pertencimento para nós, que alcançamos essa conquista com bastante luta e dificuldade.

A ESDI é, para nós alunos, um local de afeto, um espaço que utilizamos para não só estudar sobre Design, mas também conviver com amigos, debater questões sociais, desenvolver projetos, interagir socialmente, guardar memórias. E é sobre isso que a oficina trabalhará: A qual lugar você pertence? À ESDI? À periferia? Ao subúrbio? À luta? Ao Rio de Janeiro? Iremos especular essas ideias e desenvolver nossas artes, tirando o Graffiti do papel e pondo na parede.

8.2_ Planejamento

Projetei uma oficina de graffiti na ESDI com alunos da escola, com a finalidade de criarmos um mural, chamado Sopa de Letras, em graffiti, com enfoque em pertencimento, subúrbio e resistência. A atividade teve dois objetivos: introduzir uma base estrutural sobre graffiti, incluindo processos até a execução da arte na superfície, e incitar a reflexão dos próprios inscritos sobre o que sentem sobre pertencimento, subúrbio e resistência, externando nas paredes selecionadas. A oficina ocorreu no dia 01 de Novembro de 2023 e durou cerca de quatro horas no total.

Câmeras para registro: embora eu tenha tentado utilizar as câmeras de vídeo disponíveis na Escola, houve algumas complicações para o uso delas. A câmera mais propícia para registrar o evento não possuía cabo de alimentação para transferência dos arquivos para o computador, logo, ela foi inviabilizada para o registro. Depois de tentar solucionar essa situação e não obter sucesso, decidi utilizar um aparelho de celular para registrar os momentos da oficina. O aparelho utilizado foi um celular da marca Motorola, modelo G8 *power*, e os registros foram feitos com o auxílio da minha parceira e veterana da ESDI, Nina Costa.

Escolha do local, divulgação e preparação da área: com a autorização da direção do Centro Acadêmico Carmen Portinho (CAPO), selecionei as paredes da casa do Centro acadêmico para realizarmos as intervenções. Por algumas semanas, estudei sobre as câmeras de vídeo, funções como: foco, pausa, flash, e a potência do microfone, para que no dia da oficina, não houvesse surpresas de mal funcionamento dos equipamentos. Após finalizar a arte de divulgação da Oficina, fiz a postagem no meu perfil artístico da plataforma Instagram, juntamente com o CAPO divulgando em seu perfil.

No dia 25 de Outubro de 2023, os alunos Matheus Barbosa, Marcelo Barbalho e Brayan Gaspar me ajudaram a criar a base da parede a ser grafitada. Antes de pintarmos, fui na *Graffiti Shop* Dona Bomba, localizada na Rua Taylor, Lapa, Rio de Janeiro, para comprar a tinta látex de cor branca e corantes para variar as cores. O investimento da tinta foi cedido pelo Centro Acadêmico Carmen Portinho, com direção da Esdiana Nívea Maria. O valor da tinta custou em torno de R\$ 70,00.

Ao chegar na ESDI novamente, eu e colegas citados acima, pensamos em utilizar formas orgânicas para compor o fundo. O objetivo da pintura do fundo para uma base para o Graffiti consiste em não deixar espaços em branco ao grafitar, pois ainda não havia sido decidido o que faríamos de graffiti. O fundo branco fica bem destoante se houver uma composição de graffiti em estilo livre, então pensamos nessa solução. A pintura das paredes levou três horas para ser concluída.



Figura 34- Paredes do Centro Acadêmico selecionadas pintadas. Fonte: autoral.

Inscrição: fiz a postagem de uma arte chamando as pessoas para participarem da oficina, com local, data, hora e uma descrição explicando sobre o evento. Essa postagem foi divulgada no meu perfil artístico (agsar.t) e também no perfil do CAPO, no *feed* e *story*.

Houve um processo de inscrição por formulário online, com número limitado de pessoas (12 pessoas), por ordem de inscrição. O formulário de inscrição estava na biografia do meu Instagram e na do CAPO.

Tudo correu bem na inscrição dos participantes e 23 pessoas se inscreveram, mais do que o esperado. Por isso, precisei selecionar os primeiros inscritos por ordem de “chegada” e por fim, 12 pessoas foram selecionadas. Após a seleção, enviei email para todos solicitando que assinassem o termo de autorização de imagem para não haver eventualidades sobre o vídeo documental futuramente.

Formulário: foi divulgado através das redes sociais - Instagram e Whatsapp - um formulário de inscrição online através do Google Forms, solicitando nome, email, telefone (whatsapp) e informando detalhes da proposta do evento. Após o preenchimento do formulário, cada inscrito selecionado (12 no total) recebeu um email de confirmação de inscrição, juntamente com um termo de autorização de uso de imagem a ser assinado, para garantir o registro fotográfico e videográfico da atividade. A seleção dos inscritos foi feita por ordem de inscrição no formulário.

Compra dos materiais (spray): Escolhi a loja especializada em artigos para graffiti Dona Bomba Graffiti Shop, localizada na Rua Taylor, Lapa, Rio de Janeiro e comprei 18 latas de spray, com o investimento total no valor de R\$ 451,50. Comprei sprays de cores variadas e duas latas de cor preto e branco, pois costumam ser utilizadas para *outline* (contorno) e iluminação das artes.

8.3_Evento

Interação inicial: Após as inscrições e a seleção, criei um grupo no aplicativo Whatsapp para interagirmos. Através de lá, postei algumas referências de artistas e artes urbanas, além de sugestões, e também formulei enquetes, inclusive para saber os gostos dos inscritos em relação a cores, para entender quais cores de tinta eu poderia comprar. Na semana do evento, um dos inscritos, Marcelo Barbalho, aluno do sexto período, enviou uma referência de mural de graffiti, que se assemelhava à sopa de letras, uma técnica que consiste em vários grafiteiros desenharem palavras ou suas tags num mesmo muro, formando uma composição. Essa ideia clareou nossa mente para a decisão do que faríamos na parede do CAPO, e a galera concordou em fazermos uma Sopa de Letras, baseada nas outras referências propostas.



Figura 35- Referência enviada pelo aluno Marcelo Barbalho ao grupo do Whatsapp da Oficina de Graffiti.
31.10.2023.



Figura 36 - Referência enviada para mim para complementar a proposta da oficina 1, retiradas da web.
31.10.2023



Figura 37- Referência enviada para mim para complementar a proposta da oficina 2, retiradas da web. 31.10.2023

Devido a feroz chuva do dia anterior ao evento, a quinta-feira, dia 26.10.2023, decidi por criar uma enquete no grupo dos inscritos para verificar se preferiam manter a data original da oficina ou se poderíamos adiar para a próxima quarta-feira, dia 01.11.2023. A maioria votou pela quarta-feira, então foi a data selecionada para o evento. No dia da oficina, houve 11 participantes: Lívia, Matheus, Melissa, Nivea, Marcelo, Ana Carla, Beatriz, Aisha, Nina, Sara e Marianna. Contei com o auxílio da fotógrafa Sara Monteiro, aluna da turma 58, que foi notificada sobre o evento pela minha orientadora Barbara, que sugeriu que ela fizesse a cobertura fotográfica. Também tive auxílio da Nina Costa, Ex-Esdiana da turma 56, que realizou os registros videográficos do evento.

Na primeira etapa do evento, iniciamos em sala de aula. Ocupamos a sala do 3º ano. Levei uma apresentação em slides para mostrar a proposta da atividade e o conceito do meu projeto de graduação.

Na apresentação, mencionei sobre a importância de falarmos sobre onde nos sentimos pertencentes e atrelei essa ideia a estarmos unidos na faculdade, que por ser nichada, ou seja, apenas alunos de Design costumam transitar por ela, a tendência é que os alunos interajam e se unam cada vez mais, formando uma espécie de família ou lugar de acolhimento.

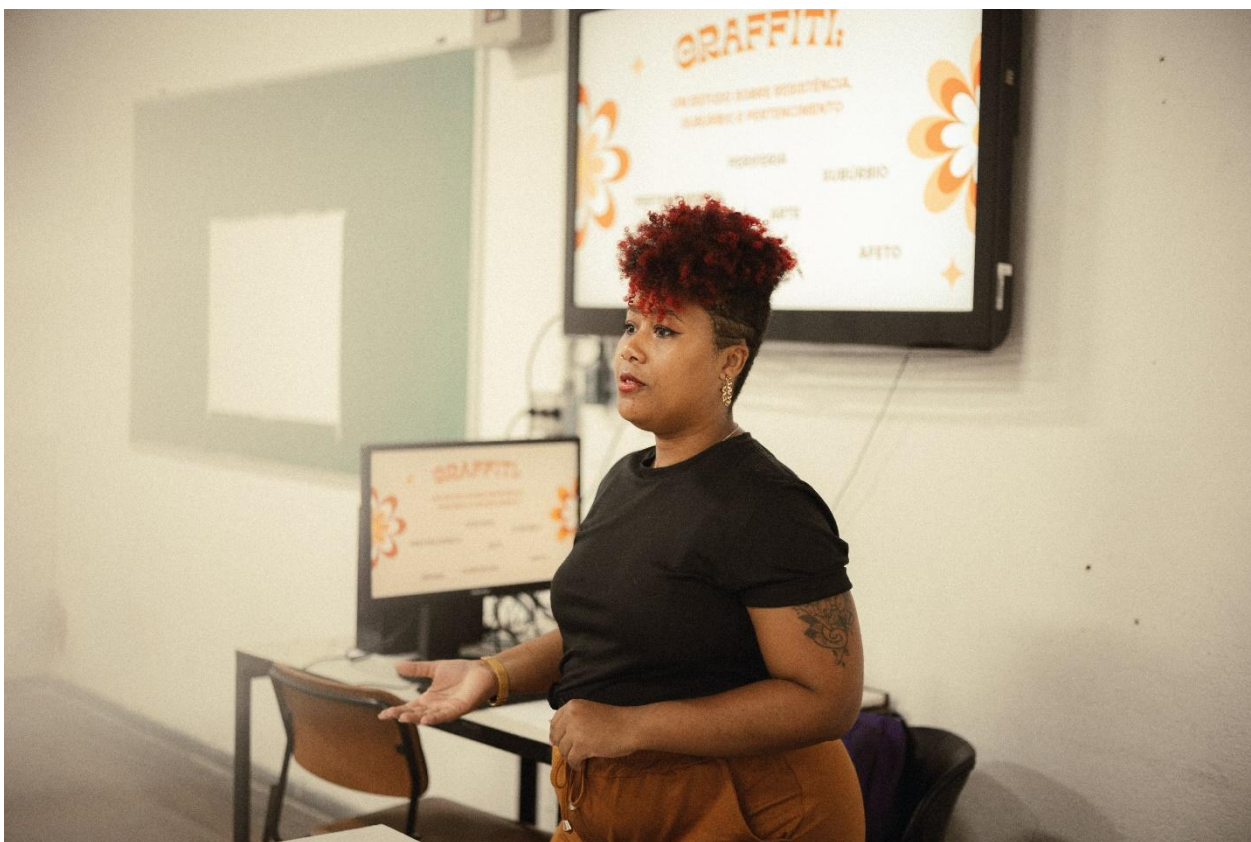


Figura 38- Eu apresentando a oficina com slides.

Foto: Sara Monteiro.

Depois, mencionei sobre segurança e citei os equipamentos de proteção individual, reiterando a mensagem que havia enviado pelo Whatsapp dias antes. A mensagem foi um alerta sobre o cuidado físico ao grafitar. Sugeri que os inscritos levassem luvas de proteção, óculos e máscara pff2, para evitar a aspiração do spray, que é tóxico.

A partir daí, começamos a exercitar no papel ideias para por na parede. Após desenharem suas palavras no papel, expliquei sobre como aplicá-las na parede. Antes, é necessário fazer o esqueleto da palavra com giz ou alguma tinta de cor clara, como branco, amarelo, etc, para facilitar a cobertura. Depois, desenha-se a forma das letras ainda no formato de rascunho, para então, iniciar o preenchimento da palavra. Também foi explicado sobre a importância de agitar a lata, pois a tinta precisa se misturar com o gás que dá pressão ao spray, então também exercitamos um pouco em sala de aula.



Figuras 39 – Marcelo e Nivea rascunhando no papel.

Foto: Sara Monteiro



Figura 40- Matheus rascunhando no papel.

Foto: Sara Monteiro

A segunda etapa do evento aconteceu depois dos exercícios no papel e mostra dos materiais utilizados para grafitar, quando nos deslocamos para a área selecionada para a intervenção (paredes externas do Centro Acadêmico). Lá, especulamos sobre o espaço que tínhamos e onde cada *bomb* poderia ser localizado e fizemos o rascunho na parede com gizes de quadro negro para depois começarmos a grafitar, iniciando com a pintura interna dos *bombs* e finalizando com o *outline* (contorno), sombras e iluminação. Após a experiência, a Nina registrou a opinião de cada participante do evento, buscando saber como foi a experiência, se encontraram dificuldade e se participariam de outras atividades como essa.



Figura 41- Melissa demarcando o esqueleto do seu desenho na parede.

Foto: Sara Monteiro



Figura 42- Matheus grafitando a palavra “Favela”.

Foto: Sara Monteiro.



Figura 43- Paredes grafitadas e alguns participantes (Beatriz, Matheus, Marcelo, Livia, Aisha, Sara, Ana Carla, Nina, Nívea e eu) da oficina.

Foto: Professor Guilherme Altmayer.

Palavras-chave: Intervenção em espaços da Esdi / seleção espaços / monitoria das intervenções / registro por fotografia e vídeo

Ao encerramento da atividade, registrei depoimentos por meio de vídeo e mensagens. A aluna Marianna, da turma 60, relatou que grafitou a palavra Exu, referente a sua religião.

Onde eu vivo, há muitos centros de Umbanda na região (Guaratiba- Zona Oeste do Rio de Janeiro), e me encontrei bastante na religião, então, queria que tivesse algo meu, da minha religião, no lugar onde eu estudo. Senti que eu precisava de algo que me representasse como a minha religião me representa, sendo pertencente a umbanda, me traz conforto e sentimentos bons.

Marianna, turma 60 da ESDI.

Já o Matheus Barbosa, aluno da turma 58 e morador da Favela da Rocinha, a segunda maior favela do Brasil, decidiu por desenhar a palavra que denomina seu território de moradia.

Acho que não é segredo pra ninguém que eu tento levar a favela pra onde eu for. Tento sempre deixar um toque dela em todos trabalhos que faço na graduação! Não existe nenhum lugar que me sinto tão completo como minha base, minha casinha dentro da favela da Rocinha. Grafitar a palavra "Favela" é muito mais que uma simples arte em uma parede branca, mas é entender que estamos chegando em lugares que jamais passaríamos nas nossas cabeças se fosse um tempo atrás! Estamos conquistando territórios e levando a favela cada vez mais pra uma vida futura digna e mais confortável. A palavra para muitas pessoas é só mais uma, mas pra quem convive nas comunidades sabe o poder e a força que essa palavra tem! Coletividade, potência, alegria, trabalho, esforço, resistência e muito mais... É uma palavra com muitas emoções e sentimentos dentro dela. E eu só queria marcar um território que não é muito visto por nossos jovens periféricos, espero que quando novos suburbanos e periféricos entrarem na ESDI olhando aquela parede, entendam que lugares como aquele serão mais frequentes e poderão chamá-los de casa!

Matheus, turma 58 da ESDI.

8.4_Pós-evento

Após o evento, fiz a edição de um vídeo documental, narrando as atividades quando necessário, e posteriormente, fiz o upload do vídeo no canal do Youtube Ags.art, para permitir o acesso e compartilhamento com os participantes e as pessoas que queiram acompanhar o processo do mural.

Esse evento foi muito enriquecedor pra mim, pois foi a minha primeira oportunidade ensinando algum tema que não tinha tanta experiência e domínio, e foi certamente um aprendizado coletivo. Ter tido a oportunidade de unir meu projeto com o ofício que eu tanto amo, que é ensinar, foi ímpar, principalmente pela possibilidade de observar a reflexão sobre pertencimento de cada um, como conseguiram conectar a sua essência à atividade e como todos nós transformamos o evento em uma enorme troca. Os participantes se sentiram a vontade para externarem suas sensações e referências, tais como: de onde vêm (como o Matheus que resolveu grafitar “favela”), religião (a palavra em questão foi Exú, feita pela Marianna), ou suas influências artísticas, como música e arte.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa e experimentação consistiu em explorar a noção de pertencimento por meio das técnicas de linguagem gráfica da Arte Urbana/Graffiti, proporcionando uma oportunidade para que, especialmente, os alunos da ESDI pudessem expressar suas sensações e afetividades nas paredes de nossa faculdade, um local ao qual nos sentimos conectados e pertencentes.

Ao longo do estudo sobre a origem do graffiti em Nova York e sua popularização no Brasil através de protestos e afirmações de pertencimento, foi possível compreender a relação desta técnica urbana com as zonas periféricas de grandes cidades e como ela possibilita ampliar as vozes dos habitantes dessas áreas, assim como a minha.

A inclusão de um estudo sobre uma prática suburbana era um anseio desde o início da minha graduação, pois permanecer nesse ambiente, permeado por privilégios e terminologia "difícil", é em si um símbolo de resistência diante de todas as adversidades. Acredito que este trabalho possa, primeiramente, inspirar aqueles que, como eu, transpuseram as barreiras limitadoras de uma sociedade que frequentemente nos desfavorece, incentivando-os a compartilhar suas origens em ambientes acadêmicos como este. Além disso, esta pesquisa pode auxiliar os docentes e estimular a comunidade acadêmica de Design a observar e aplicar técnicas mais urbanas, contemporâneas e menos eurocêntricas nas disciplinas aqui apresentadas.

Ao refletir sobre os desafios enfrentados durante essa pesquisa, pondero sobre a trajetória inicial do trabalho e como a orientação e apresentação do anteprojeto foram fundamentais para uma nova abordagem. Anteriormente, eu considerava necessário estabelecer uma conexão muito clara entre meu tema e o design, mas posteriormente compreendi que todo o projeto de pesquisa e experimentação já se configurava como Design Projetual. Isso me permitiu vincular minhas sensações ao tema de maneira mais subjetiva, o que fez muito mais sentido para mim.

Por fim, percebo que este projeto pode ter novos desdobramentos no futuro. Caso haja demanda e apoio financeiro, a oficina poderia ser oferecida anualmente, juntamente com workshops de técnicas já exploradas na ESDI, como Serigrafia, Linogravura, Lettering, entre outras. Vislumbro, nessa proposta, a possibilidade de experimentação de

diversas técnicas no âmbito do Design e das Artes, fomentando a criatividade e contribuindo para a reflexão sobre o pertencimento e a resistência.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Gilberto. **AS GAROTAS DO GRAFITE**. Multirio. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/artigos/3424-as-garotas-do-grafite>. Acesso em: 20 Setembro 2023.

Adm. What is Urban Art?. **ATOM**, 2022. Disponível em: <https://www.atomgallery.co.uk/blog/what-is-urban-art.html>. Acesso em: 21 Maio, 2023.

ANGRIMANI, Danilo. Dono do “cão Fila km 26” resiste. **SETECIDADES**. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/114165/dono-do-cao-fila-km-26-resiste> . Acesso em: 03 Julho 2023.

Arte de Rua vs Arte Urbana. **CORANTES**, 2023. Disponível em: <https://corantes.com.br/blog/arte-de-rua-vs-arte-urbana/>. Acesso em: 25 Abril 2023.

BRASIL, Lu. Meeting of Favela| CINE MOF. **MEETING OF FAVELA**. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9Kpl3rSnEsQ&ab_channel=MeetingofFavela. Acesso em: 17 Julho 2023.

BRASIL, Luciane Chagas. **Meeting of Favela: Grafitando subjetivações na Vila Operária do látex às cores digitais**. Dissertação de Mestrado- Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias. 2016.

BULHÕES, Maria Amélia. “Arte de Rua’ à margem ou integrada?. **UFRGS**, 2012. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/2012/04/14/arte-de-rua-margem-ou-integrada/>. Acesso em: 25 Abril 2023

Definição de MC. **COLLINS DICTIONARY**. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/mc> . Acesso em: 29 Agosto 2023

DINIZ, Luiz Antonio Garcia. **Seja marginal, seja herói: a figura do herói e do anti-herói na obra de Hélio Oiticica**.23. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/3804/2637>. Acesso em: 22 Maio 2023.

Editores da Enciclopédia Itaú Cultural. Alex Vallauri. **ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL**. 2023. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9831/alex-vallauri>. Acesso em: 13 Julho 2023.

ESTANISLAU, Julia. O que é o sentimento de pertencimento?. **JORNAL DA USP**. 2023. Disponível em <https://jornal.usp.br/radio-usp/sentimento-de-pertencimento-e-a-necessidade-de-manter-relacoes-estaveis-e-de-moldar-o-comportamento/>. Acesso em 03 Dezembro 2023.

Exposição “Sankofa” reúne frases e fotos de servidores e magistrado negros e negras do TRT-RS. **TRT4.JUS.BR**. Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/477698#:~:text=%E2%80%9CSankofa%E2%80%9D%20%C3%A9%20um%20ideograma%20africano,olhar%2C%20buscar%20e%20pegar>). Acesso em: 01 Dezembro 2023.

Grafite e Estêncil. **FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO**. Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/grafite-e-estencil/> Acesso em: 13 Junho 2023.

Grafite: Tudo sobre essa arte. **ABRA**. Disponível em: <https://abra.com.br/artigos/grafite-tudo-sobre-esta-arte/> Acesso em: 13 Junho 2023.

Graffiti. **ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY**. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/graffiti>. Acesso em: 28 Junho 2023

Graffiti Throw Ups – Learn how to do Throw Ups. **GRAFFITI BIBLE**. Disponível em: <https://graffitibible.com/what-is-throw-up/> Acesso em: 20 Agosto 2023

LAROZZA, Felipe. “Xarpi”, um registro histórico das pixações cariocas. **VICE**. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/aep9w8/xarpi-um-registro-historico-das-pixacoes-cariocas>. Acesso em: 27 Maio 2023.

Lettering. **ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY**. Disponível em: [https://www.etymonline.com/pt/word/lettering#:~:text=lettering%20\(n.\),de%20letter%20\(v.\)](https://www.etymonline.com/pt/word/lettering#:~:text=lettering%20(n.),de%20letter%20(v.)). Acesso em: 19 Julho 2023.

MARCHE, Guillaume. Expressivism and Resistance: Graffiti as an Infrapolitical Form of Protest against the War on Terror. **REVUE FRANÇAISE D'ÉTUDES AMÉRICAINES**, 2012. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-d-etudes-americaines-2012-1-page-78.htm>. Acesso em: 24 Maio 2023.

Meeting of Styles. **10-12 NOVEMBER 2006, RIO DE JANEIRO (BRASIL)**. Disponível em: (<https://meetingofstyles.com/10-12-november-2006-rio-de-janeiro-brasil/>). Visto em: 17 Julho 2023.

PIZZA COM GRAFFITI. A história da Revista Graffiti com Binho Ribeiro. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Wonl1wOmReo&ab_channel=PizzacomGraffiti. Acesso em: 17 Julho 2023.

QUEIROZ, Christina. Entre transgressão e arte. 269. ed. São Paulo, 2018. **REVISTA PESQUISA FAPESP**. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/entre-transgressao-e-arte/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

RODRIGUES. Luciana Jorge. Sticker- Colando ideias. **UNESP**. 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86941/rodrigues_lj_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 13 Jun. 2023

ROMO, Dr. Ricardo. My Chicano Journey. **LA PRENSA TEXAS**. 2022. Disponível em: <https://laprensatexas.com/my-chicano-art-journey-part-one/>. Acesso em: 25 maio 2023.

TORALES, Christiano. Graffiti Wild Style sobre o muro. **RESEARCH GATE**. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Graffiti-Wild-Style-sobre-muro-Getulio-Vargas-Rio-Grande-RS-Fonte-do-autor_fig1_333638521. Acesso em: 28 Agosto 2023.

TORRES, Sonia. **Raízes e Rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos**. Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos. 1.ed. Rio de Janeiro. 7 Letras, 2001.

Urban Arts. **COPPIN STATE UNIVERSITY**. Disponível em: <https://www.coppin.edu/academics/urban-arts>. Acesso em: 12 Setembro 2023

Wall of Respect. **ART & DESIGN IN CHICAGO**. Disponível em: <https://interactive.wttw.com/art-design-chicago/wall-respect>. Acesso em: 25 maio 2023.

11 APÊNDICE

APÊNDICE A — Workshop Graffiti é identidade- a arte urbana como forma de resistência, com Yaya Ferreira



Figura 44 – Rascunho do graffiti no papel.



Figura 45 – Graffiti finalizado no muro.

APÊNDICE B — Curso Fábrica de Graffiti- exercícios práticos

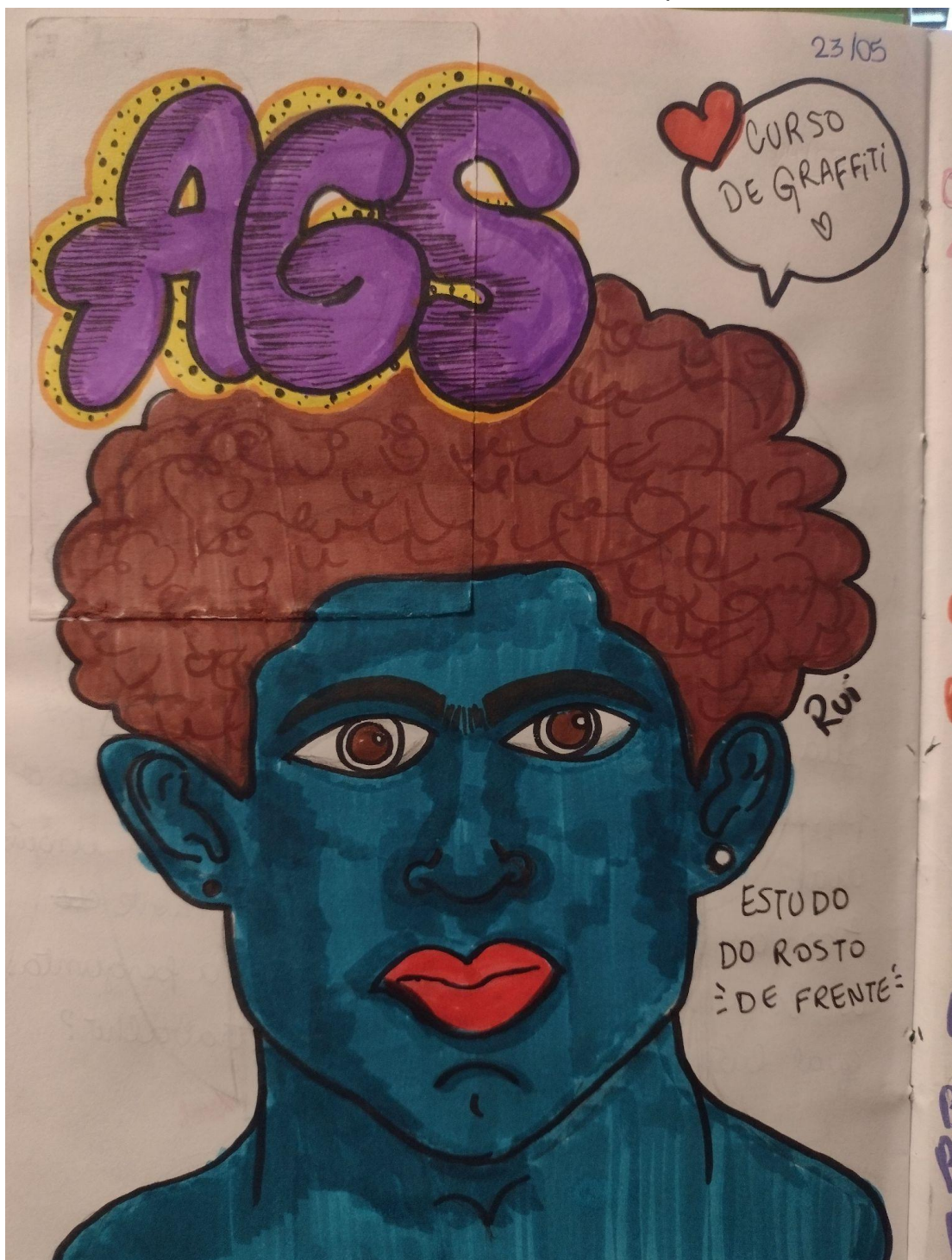


Figura 46 – Estudo de rosto de frente.

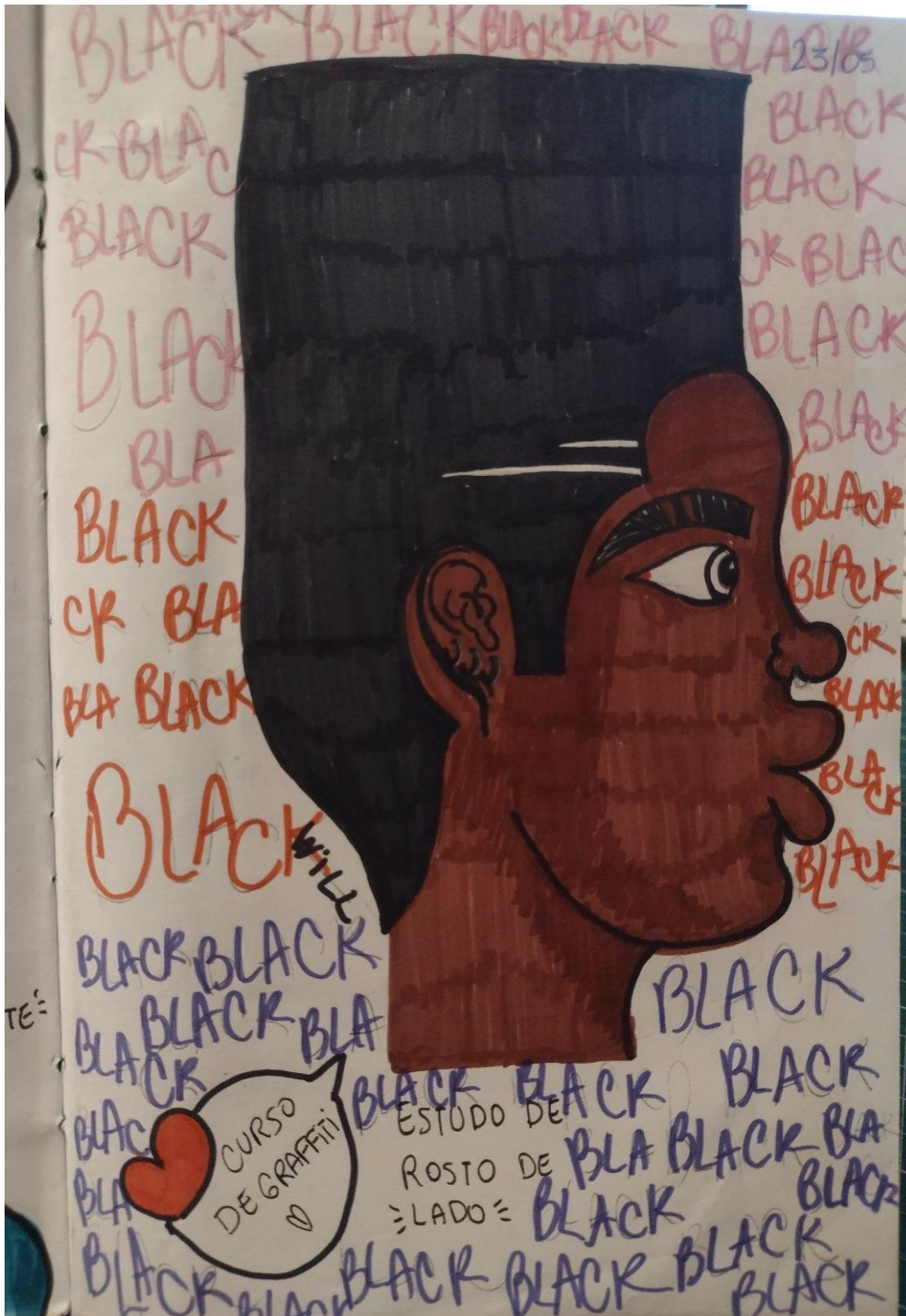


Figura 47 – Estudio de rostro de lado.

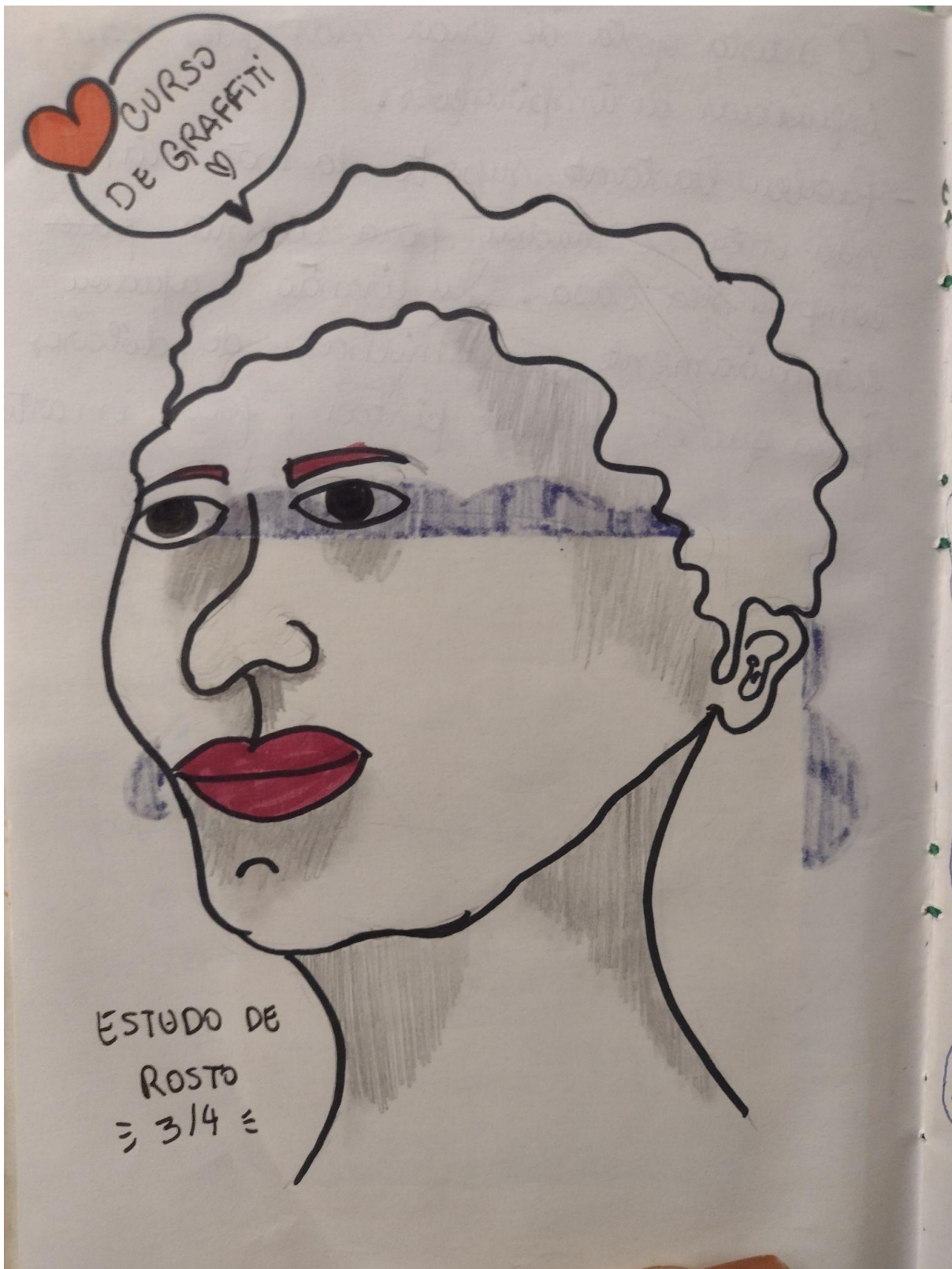


Figura 48 – Estudo de rosto $\frac{3}{4}$.

APÊNDICE C — Diário de Bordo: Graffiti na Creche Vovó Maria Joana na Serrinha

Processo

O material (tintas, spray, giz, entre outros) foi fornecido pela Rede NAMI- Organização que tem como objetivo o uso da arte como veículo de transformação social para mulheres, negros, povos originários, pessoas LGBTQIAP+ e pessoas com deficiência-, pela Casinha Acolhida- ONG carioca que promove direitos sociais à população LGBT+. Também contamos com a supervisão da casa de Criação Miranda, liderada pela Ana Paula Miranda.

A ação teve três encontros no total. Eu participei apenas dos dois últimos, nos dias 05 e 20 de Junho.

No meu primeiro dia, escolhi um espaço de parede para realizar o graffiti. O desenho consiste em um livro aberto como base e borboletas coloridas saindo do livro. Nos quatro cantos, inferiores e superiores, há o símbolo Sankofa- símbolo do alfabeto Adinkra- que entre algumas definições, pode significar “volta para adquirir conhecimento do passado.” Já no topo da arte, há um lettering que diz a frase “Educar é um ato de amor”, frase de autoria do Paulo Freire. Os materiais utilizados foram: giz de quadro negro, spray para graffiti e tinta acrílica para paredes.

No dia 20 de Junho de 2023, nos reunimos novamente na Creche para continuarmos as intervenções. Dessa vez, o foco era a parede lateral externa da creche. Cada artista tinha seu espaço para criar e a minha escolha de criação foi pintar a minha personagem, Aqs, no muro, ao lado de uma frase do Paulo Freire que diz: “Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes.”. A frase em questão foi desenhada no formato *Bomb*. Os materiais utilizados foram spray para arte urbana nas cores marrom, bege, laranja, rosa, vermelho e amarelo e tinta acrílica de parede na cor preta. Também foi necessário o auxílio dos colegas grafiteiros e uma escada, já que a parede era bem maior que as anteriores.



Figura 49 – Graffiti finalizado na parede interna da Creche Vovó Maria Joana.

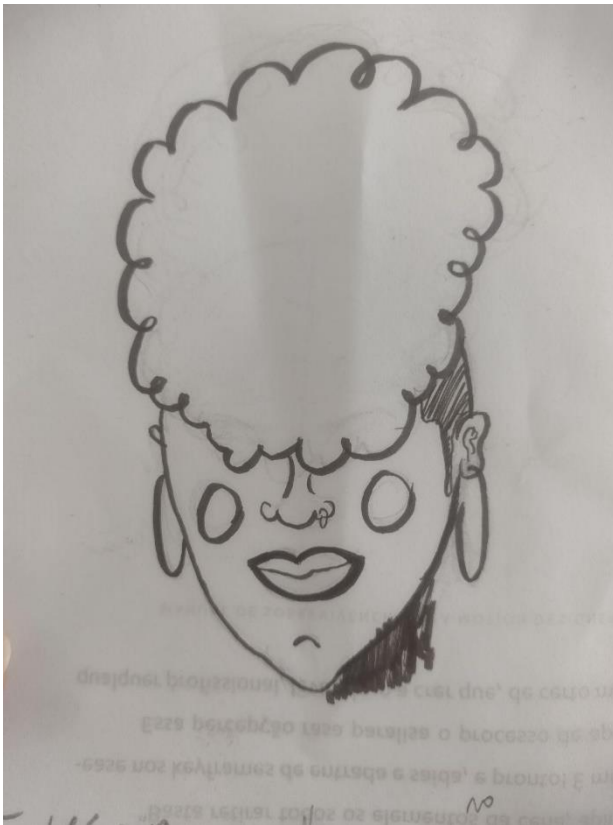


Figura 50 – Rascunho da persona Ags no papel.

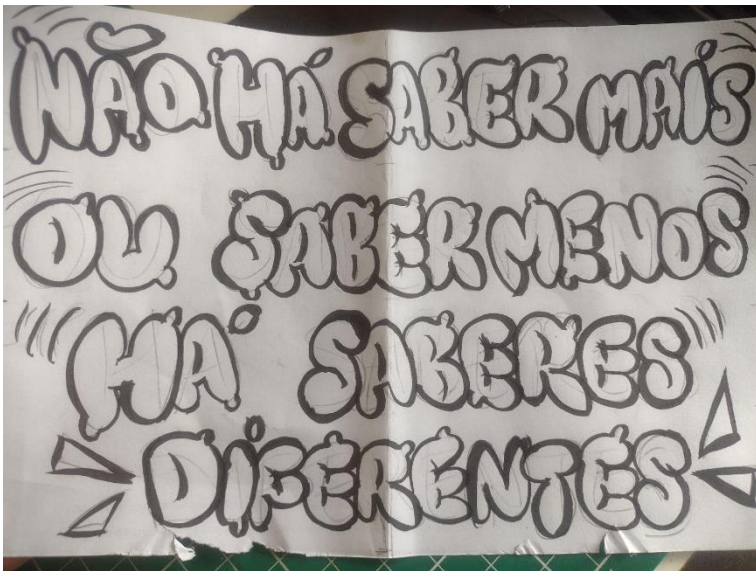


Figura 51 – Rascunho do lettering para a parede.



Figura 52 – Graffiti finalizado na parede.

APÊNDICE D — Oficina Estética do Graffiti Coart

A Oficina de Estética do Graffiti foi ofertada pela COART, com um valor de R\$ 220,00 para inscrição. A Oficina iniciou no dia 24 de Agosto de 2023, com carga horária de 30h, no COART-UERJ, sendo ministrada pela artista e grafiteira Jlo, que atua no Graffiti há 9 anos. Fizemos uma primeira aula teórica sobre materiais, nomenclaturas e técnicas, e depois, tivemos aulas práticas no papel, trabalhando com letras e personas. Em 22 de outubro de 2023, tivemos a oportunidade de grafitar juntos pela primeira vez no muro do metrô na altura de Irajá, e pôr em prática todos os estudos que havíamos feito até então. Posteriormente, nós fomos convidados a grafitar o banheiro não binário do COART e a intervenção está em processo.

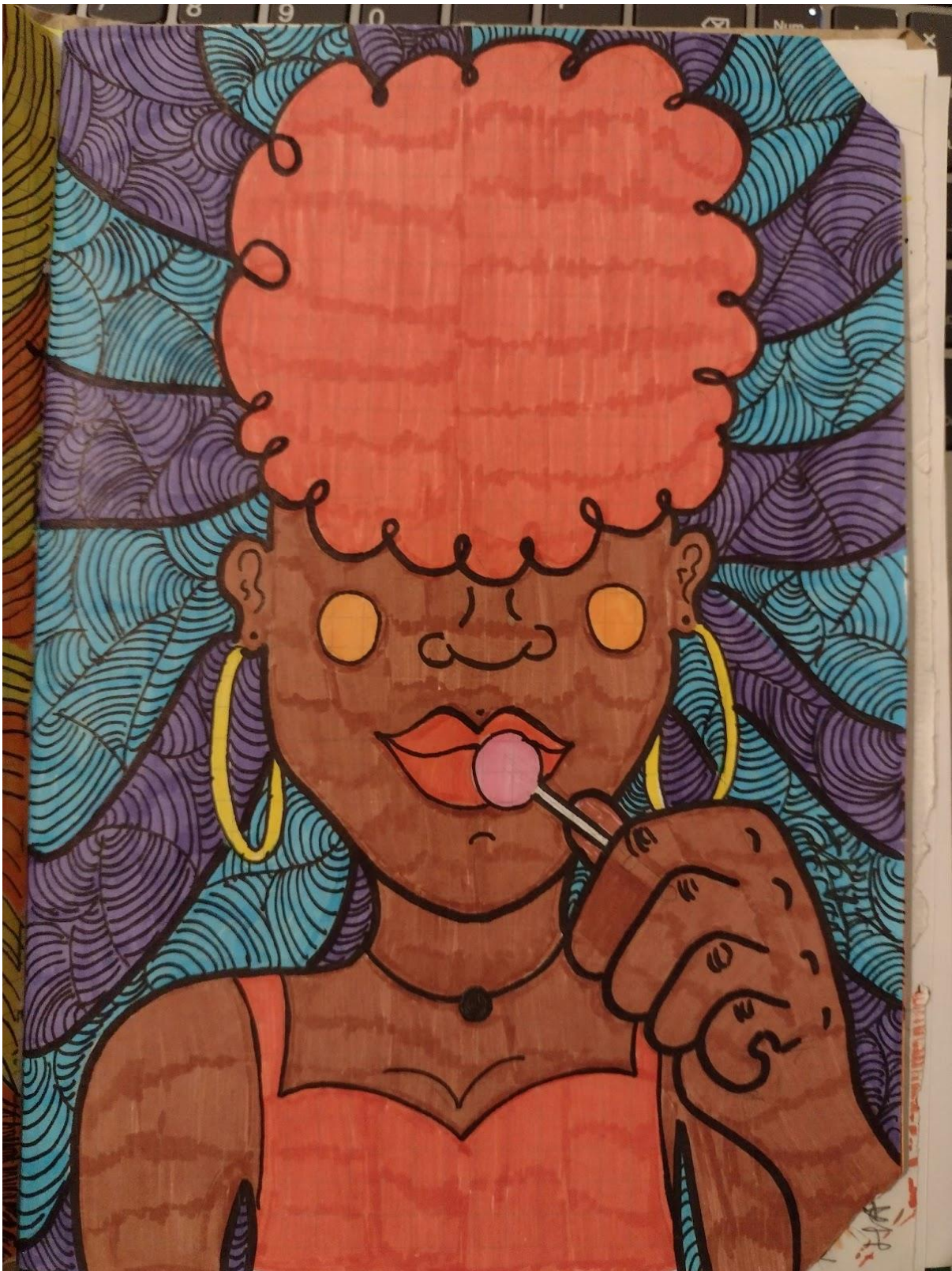


Figura 53 – Exercício prático. Persona Ags.



Figura 54 – Exercício prático. Lettering (Sankofa) em técnica WildStyle.

APÊNDICE E — Formulário de inscrição para a Oficina de Graffiti



Oficina de Graffiti- projeto de graduação

B I U ↻ ↺

Chegou o momento!
Olá, sou Aghata Oliveira, mas pode me chamar de Ags. Sou professora, artista, artesã e graduanda de Design pela ESDI/UERJ e essa oficina faz parte do meu projeto de graduação.
O tema do projeto é **Graffiti: um estudo sobre resistência, subúrbio e pertencimento**. Nesse projeto, abordo um pouco sobre a história do Graffiti, iniciada em Nova York, mas principalmente, sobre as minhas perspectivas como cria do subúrbio e periferia do Rio de Janeiro, observando como o Graffiti mostra sobre a nossa história e o quanto essa técnica artística é relevante pra sociedade. Essa oficina tem como mote principal a ideia de PERTENCIMENTO e AFETO.

Atenção nas informações a seguir:

- * Após as inscrições, será enviado um email confirmando que você conseguiu a vaga para a oficina (as vagas são limitadas, juntamente com um formulário de autorização de imagem, pois a oficina será registrada por meios videográficos e fotográficos (segunda etapa do meu projeto de graduação).
- * Após a devolutiva do formulário (assinado), criarei um grupo no whatsapp para iniciar nossa integração até o dia da oficina.
- * No dia da oficina, é importante levar lápis, canetas de sua preferência, borracha e régua se achar necessário. Também é imprescindível o uso de roupas confortáveis e que possam ser sujas por tinta de spray.
- * A oficina terá duas partes no mesmo dia: Momento dentro de sala, onde faremos sketches (rascunhos) no papel, e outro momento fora da sala, onde executaremos as intervenções nas paredes selecionadas.
- * O material para intervenção na parede (sprays) será fornecido por mim, é de uso comunitário no momento da oficina e deve ser devolvido ao fim da mesma, pois o dinheiro investido nesses materiais não veio por meio de fornecimento externo (saiu do meu bolsinho de assalariada kkkcry)
- * Sinta-se livre para levar sprays e utilizá-los, caso tenha.
- * Durante a intervenção, haverá um momento de entrevista sobre a sua perspectiva da atividade.
- * Essa oficina é uma atividade de aprendizado mútuo, pois sou iniciante no Graffiti, comecei a estudar o tema para o Trabalho de conclusão de curso.

Obrigade por colaborar para que esta mera graduanda conclua seu curso de Design ~3
Nos falamos em breve :*

Data do evento: 27 de outubro de 2023
Horário: de 13h às 17h
Endereço do evento: Rua do Passeio, 80, Rio de Janeiro, RJ
Dúvidas, mande mensagem para (21) 98103-8132 ou envie um e-mail para oliveira.aghata3@gmail.com

Figura 55 – Formulário de inscrição para a Oficina de Graffiti

Nome *

Texto de resposta curta

E-mail *

Texto de resposta curta

É/foi alune da ESDI? *

Sim

Não

Whatsapp *

Texto de resposta curta

Eu entendo que precisarei assinar o termo de autorização de imagem (a ser enviado por email) *

Sim

Figura 56 – Formulário de inscrição para a Oficina de Graffiti



Figura 57– arte de divulgação da Oficina de Graffiti para o *feed* do Instagram.



Figura 58– arte de divulgação da Oficina de Graffiti para o *story* do Instagram.



Figura 59– arte de divulgação da Oficina de Graffiti para o story do Instagram.

https://www.canva.com/design/DAFxfh-la71Y/uZE2nGVU19nVTguxv2WMZA/view?utm_content=DAFxfh-la71Y&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=editor

Link da Apresentação em slides da Oficina de Graffiti.

APÊNDICE G — Termo de Autorização de Imagem para a Oficina de Graffiti

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E SOM

Eu, _____, portador(a) do CPF _____, AUTORIZO a **Aghata dos Santos Oliveira de Souza**, sediado(a) em Rua Ana Neri, 2044, ap 406, Riachuelo, Rio de Janeiro- RJ, utilizar a minha imagem, em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e voz, capturados no evento: **Oficina de Graffiti- Projeto de Graduação**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) ~~out-door~~; (II) ~~busdoor~~; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) homepage; (VII) cartazes; (VIII) ~~back-light~~; (VIV) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo **Aghata dos Santos Oliveira de Souza**, ainda a realizar nas imagens e sons captados, cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e a **Aghata dos Santos Oliveira de Souza**.

DECLARO, portanto, que estou de acordo com essas imagens, que não violam os direitos de imagem e de privacidade do cedente, e que tenho ciência que este material constituído por imagens e sons pertence exclusivamente a **Aghata dos Santos Oliveira de Souza** e que poderá usá-lo a seu exclusivo critério.

Rio de Janeiro, ____ de Outubro de 2023.

Assinatura do Cedente

Figura 60- Termo de autorização de imagem.

12 ANEXO

ANEXO A— CINE MOF

https://www.youtube.com/watch?v=9KpI3rSnEsQ&ab_channel=MeetingofFavela